



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

NIETZSCHE: DE ALUNO A EDUCADOR FILÓSOFO

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E A NECESSIDADE DE FILÓSOFOS EDUCADORES

Laura Bialowas

Rio de Janeiro

Dezembro 2016

Monografia elaborada por Laura Mariana Cristina de Oliveira Bialowas como requisito para a conclusão do Curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea.

Rio de Janeiro

Dezembro 2016

NIETZSCHE: DE ALUNO A EDUCADOR FILÓSOFO

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E A NECESSIDADE DE FILÓSOFOS EDUCADORES

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Prof. Dr^o. Miguel Angel de Barrenechea

Prof^a. Dr^a. Sandra Albernaz Medeiros

Agradecimentos

Durante o caminho tive a impressão que nunca chegaria ao meu destino, parecia que estava ainda muito longe de concluir a graduação. Achava que me formar era uma tarefa que beirava o improvável... Porém, felizmente, não estava sozinha nesta jornada, contava com o apoio da família, com os ensinamentos e com a compreensão dos professores da Escola de Educação, que conduziram este curso com um rigor e afeto; por fim, não poderia prescindir da ajuda de meus amigos, interlocutores e revisores desta pesquisa. Sou muito grata pela sorte de ter partilhado estes encontros e agradeço especialmente a todos os seus ensinamentos que me trouxeram para este momento, onde, finalmente, posso alcançar a linha de chegada, concluir a licenciatura em pedagogia e aí pensar “nossa já acabou?” e este fim representa o início do meu caminho como educadora.

Desde seu mais remoto início, a educação vai além da mera transmissão e se revela uma troca, uma relação interpessoal de experiências, de convívio e de amor. Por isso, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, minha primeira e eterna educadora: a minha mãe, Gláucia Cristina, meu porto seguro. Ela, que a todo momento me proporcionou tudo o que pode e o que não pode também. Não mediu esforços para que eu tivesse uma boa educação e me ensinou a lutar pelos meus sonhos.

Esta monografia literalmente não existiria como agora se não fosse a orientação do professor que considero um guia nietzschiano, verdadeiro filósofo educador, Miguel Angel de Barrenechea, que mesmo se deparando com um tema a princípio um pouco confuso, aceitou ser o professor orientador desta monografia, e abriu as portas do seu grupo de pesquisa. Assim, o projeto ganhou novos co-orientadores e eu ganhei novos educadores, são eles: Cristie, Kátia, Mariana, Rita, Nilcinéia e Sérgio. Aprendi com o grupo que as críticas construtivas são sempre bem vindas e são sempre mais leves quando ditas com afeto. Muito obrigada por todo o tempo que passei na presença de cada um de vocês, a cada reunião aprendia algo novo e me sentia privilegiada por poder estar ali cercada de mestres que colaboraram muito para a conclusão deste projeto.

Não poderia deixar de agradecer ao meu grande amigo Pedro Arthur por todas as horas de conversa sobre a monografia, todas as leituras, revisões e impressões! Jamais esquecerei seu apoio, ele foi fundamental para mim. E finalmente, as duas melhores amigas e revisoras que eu poderia ter: Deirdree Rodrigues e Gabriella Casanova serei eternamente grata por todo o incentivo e principalmente pela amizade de vocês, que me fizeram mais feliz e mais forte.

Resumo

A partir da análise biográfica do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, acompanharemos o seu percurso de escolarização, sua infância, as perdas afetivas e o amadurecimento de algumas ideias, o despertar para a cultura grega, para a literatura e para a música. A partir do exemplo do jovem Nietzsche objetivamos refletir sobre a importância de reavivar o pensamento filosófico e artístico, a fim de incentivar o cultivo da verdadeira cultura, nas instituições de ensino. Para tal tarefa, é necessário um alerta, dado pelo educador Nietzsche, que, ocupava a cátedra de Filologia Clássica, na universidade da Basileia, no ano de 1872, quando proferiu cinco conferências *Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino*. Nesses escritos fica registrada a preocupação de um professor sobre os rumos mercadológicos, pseudoculturais, que o estado endereçava à educação, destituindo da mesma seu aspecto criador, artístico e cultural. Percebemos que o próprio educador poderia ser um agente propulsor para subversão da massificação do processo educativo. Porém, não um educador alheio e apático às questões de seus estudantes, mas um “educador filósofo”, crítico do seu cotidiano e atento à singularidade de cada um dos seus alunos. Um genuíno mestre na concepção nietzschiana ensina pelo exemplo de sua vida, é honesto e autêntico, portanto não se curva à pseudocultura, mas ajuda o aluno a descobrir seu próprio caminho, e assim, esse educador filósofo torna-se um libertador do aprendiz.

Palavras-chave: Nietzsche, Educação Moderna, Educador Filósofo.

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo 1 – Nietzsche: anos de aprendizagem.....	12
1.2 – Nietzsche Universitário.....	20
Capítulo 2 – As críticas aos estabelecimentos de ensino	27
Capítulo 3 - Nietzsche Filósofo Educador.....	35
Considerações Finais	42
Referências	44

Introdução

Esta pesquisa primeiramente aborda a crítica à ausência da reflexão filosófica em muitas práticas educativas, rememorando a figura do mestre filósofo, representado por Schopenhauer na visão de Nietzsche¹. Além disso, tem por objetivo mostrar que refletir filosoficamente na e sobre a instituição escolar está longe de ser impossível, uma vez que o professor passe a perceber-se como um filósofo educador, conforme a concepção nietzschiana. Para tal, analisa-se o exemplo do jovem aluno e posteriormente professor, Nietzsche, que mergulhou profundamente na reflexão sobre a figura do mestre e acabou por se tornar um guia de inúmeras gerações futuras.

A fim de esclarecer a importância de reavivar culturalmente a reflexão filosófica nos espaços de ensino, pesquisaremos os *Escritos sobre educação* do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que durante dez anos foi um professor preocupado com os rumos que a formação moderna estava tomando: deixando de lado qualquer inquietação humanista em prol de uma educação cientificista (DIAS, 2003). A hipótese mais importante levantada nesta monografia propõe que o educador poderia ser um agente propulsor para subversão da massificação do processo educativo. Não um educador alheio e apático às questões de seus estudantes, é necessário que seja um “educador filósofo”, crítico do seu cotidiano e atento à singularidade de cada um dos seus alunos.

Com o objetivo específico de compreender qual o conceito de mestre na ótica de Nietzsche investigaremos inicialmente como foi sua escolarização. Como aluno, quais foram os paradigmas que o levaram a formular seu conceito de filósofo educador e suas críticas à educação do seu tempo? Qual a importância de Schopenhauer para Nietzsche trilhar seu caminho até se tornar professor? Quais as qualidades essenciais encontradas nos ensinamentos do educador filósofo? Qual o vínculo existente entre o aluno e o mestre? Como podemos atualizar essa “pedagogia nietzschiana” para nossa reflexão atual na nossa ação docente? Em que ponto ela se faz relevante em nossa prática?

Nietzsche foi aluno e mentor de grandes homens. Desde jovem admirava os filósofos gregos pré-platônicos, sendo Heráclito o filósofo mais estudado pelo autor. O filósofo foi impactado profundamente pelo gênio artístico musical, Richard Wagner, com quem teve uma

¹“Certamente, existem outros meios de se encontrar a si mesmo, de escapar do aturdimento no qual nos colocamos habitualmente, como envoltos numa nuvem sombria, mas não conheço coisa melhor do que se lembrar dos nossos mestres e educadores. É por isso que vou lembrar hoje o nome do único professor, o único mestre de quem eu posso me orgulhar, Arthur Schopenhauer.” *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. NIETZSCHE, 2014, p. 166.

relação de amizade e admiração que acabou num rompimento abrupto². Nietzsche também se guiou pelas palavras de seu compatriota Arthur Schopenhauer, seu mestre filósofo, a quem atribuiu virtudes de honestidade e autonomia na sua postura perante a reflexão e na vida.

Influenciado por notórios filósofos gregos, Nietzsche resgatou em sua filosofia a aurora da cultura helenística, a máxima de “tornar-se quem se é”, como podemos observar neste trecho da *III Consideração Intempestiva Schopenhauer Educador*:

Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida, e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento. (NIETZSCHE, 2011, P. 163, 164).

Pensar por nós mesmos, é fundamental para o autoconhecimento, embora não seja tarefa simples de ser realizada enquanto somos constantemente atravessados por pensamentos de outrem, principalmente nos nossos dias, tanto das mídias quanto nas opiniões hegemônicas que circulam com o objetivo de massificar o pensamento divergente³.

Um modelo de filósofo educador que pensava e agia de forma independente de todas as instituições de sua época era Schopenhauer. Como em espelhos paralelos podemos perceber que é fundamental que exista o reflexo do mestre para criar novos mestres, ensinando pelo reflexo, pelo exemplo, pela afinidade. Como veremos na citação abaixo na qual Nietzsche (2014, p. 171) demonstra sua empatia com a filosofia de Schopenhauer:

Sou desses leitores de Schopenhauer que, desde a primeira página, sabem com certeza que lerão todas as outras e prestaram atenção à menor palavra que tenha sido dita. Minha confiança nele foi imediata e ainda é a mesma que tinha há nove anos. Compreendo-o como se ele tivesse escrito para mim, para me expressar de maneira inteligível, mas imodesta e louca.

²No ano de 1876 Nietzsche viaja para Bayreuth, a fim de assistir a apresentação da *Teatralogia*, que marcava a estreia do teatro cuja construção foi produzida pelo próprio Wagner com o apoio financeiro do rei Luís II, da Baviera. Uma vez passado o encanto da amizade do compositor com o filósofo, vejamos a visão crítica de Nietzsche sobre o músico: “Wagner era apenas um homem de teatro. Sua música servia de narcótico à alta burguesia; sua arte tornou-se uma mercadoria de luxo; seu público, composto de políticos e gente da sociedade, era medíocre, ávido de prazer e de divertimento.” (DIAS, 2003, p. 46)

³ É interessante aludir agora a uma visão crítica atual sobre os condicionamentos do meio sobre os diversos indivíduos. Vejamos, neste sentido, a tese de um autor como Asch sobre os condicionamentos que afetam o homem contemporâneo: “Quando, no início do século XX, nasceu a psicologia social, seus primeiros experimentos foram, fundamentalmente, adaptações da demonstração de sugestão. Os sujeitos, usualmente estudantes universitários, deviam dar suas opiniões ou preferências quanto a vários assuntos; algum tempo depois eram novamente solicitados a apresentar suas escolhas, mas então estavam também informados quanto às opiniões aceitas por autoridades ou grandes grupos de seus colegas a respeito dos mesmos assuntos. Quase todos os estudos tinham, fundamentalmente, o mesmo resultado: diante de opiniões contrárias às suas opiniões pessoais, muitos sujeitos aparentemente mudavam seus julgamentos, procurando torna-los mais semelhantes às opiniões das maiorias ou dos especialistas.” (Opiniões e pressão social. ASCH, 1995)

Afinidade, honestidade e serenidade são apenas algumas qualidades expressas em *Schopenhauer Educador*, características indispensáveis ao educador filósofo. Nietzsche foi durante dez anos, professor da cátedra de Filologia Clássica, na universidade da Basileia, e como tal, utilizou-se com maestria do exemplo de Schopenhauer, tornando-se ele próprio um filósofo educador, inspirando muitos jovens a descobrirem e adotarem suas próprias vozes, como acompanharemos, mais a frente, no relato de Louis Kelterborn, retirado do livro *Nietzsche Educador*, de Rosa Maria Dias. Perceberemos como é eficaz o impacto do exemplo: um educador cheio de afeto pelo que ensina consegue transmitir intensidade e empolgação na forma de ensinar e despertar o interesse dos discentes aguçando-os o pensamento crítico.

Subsidiando teoricamente esta pesquisa encontra-se de forma central o conceito de “filósofo educador”, criado pelo jovem Nietzsche e exposto em sua *III consideração intempestiva: Schopenhauer educador*, publicada em 1874. As cinco conferências intituladas *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de Ensino*, proferidas em 1872, quando era então professor de filologia na Universidade da Basileia. Ambos os textos compõem a edição brasileira, intitulada *Escritos sobre Educação* (contém as cinco conferências e a *III consideração intempestiva*), por Friedrich Nietzsche, que conta com tradução, apresentação e notas de Noéli Sobrinho. O livro *Nietzsche uma biografia* por R. J. Hollingdale nos possibilitou uma visão da infância e da escolarização e das opiniões preservadas em cartas, assim como o contato com livros raros da juventude de Nietzsche.

Como bibliografia secundária, nos fundamentamos nos livros *Soldados e Centauros: Educação, filosofia e messianismo no jovem Nietzsche, 1858 – 1869*, de Fabiano Lemos Britto, onde encontramos fragmentos de cartas, e importantes considerações e dados bibliográficos que esclarecem o percurso docente de Nietzsche. O livro *Nietzsche Educador*, de Rosa Maria Dias, que nos troço entre outras contribuições, alguns relatos de Nietzsche como professor, na visão de seus próprios alunos do curso de Filologia Clássica, ministrado na Universidade da Basileia, na Suíça. Também foram importante subsídio para esta monografia os artigos do filósofo educador, orientador desta monografia, Miguel Angel de Barrenechea, que nos ajudaram a traçar o panorama das críticas de Nietzsche à educação. Com base neste referencial teórico adotamos a metodologia bibliográfica.

A partir do exemplo do professor Nietzsche, foi possível ver com clareza a relevância de assumir uma postura acadêmica singular na profissão docente, estimulando a crítica e as singularidades dos discentes. Neste sentido, Nietzsche abordará a necessidade de filósofos educadores na *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*, onde o pensador nos conta seu desejo de confiar em um guia mais do que nele próprio. No seguinte texto o filósofo

alemão destaca a difícil tarefa de auto educar-se e a importância que tem o mestre para concretizar essa elevada tarefa:

Quando outrora eu me entregava, por vontade própria, a fazer minhas promessas, imaginava que o terrível esforço, o tremendo dever de me educar a mim próprio, me seria poupado pelo destino, porque no momento propício encontraria um filósofo para me educar, um verdadeiro filósofo a quem se pudesse obedecer sem mais reflexão, porque teria nele mais confiança do que em si próprio. (Nietzsche, 2011, p.166)

Este depósito de confiança que o educando oferece ao educador aumenta à responsabilidade sobre a qualidade dessa formação. Veremos então como resultado a ser alcançado a difusão de um pensamento que surge na prática diária de um pedagogo, a busca pelo conhecimento. Mas, neste caso, é importante o aprofundamento no conhecimento de cada aluno – nas suas vivências, no seu pensar – para que surja uma prática educativa relevante para seu desenvolvimento pessoal, através de uma pedagogia que propõe atividades vivificantes e criativas em detrimento do método *acroamático* de ensino.⁴

O mestre, para Nietzsche, deve instigar os interesses principais de seus alunos, incentivá-los ao autoconhecimento e a transpor os desafios que se apresentam na vida, para que possam superar seus limites e para desenvolverem da melhor forma as suas aptidões. Seria relevante, conforme a ótica nietzscheana, entregar-se aos cuidados de um guia, pois o mestre filósofo cria condições para que o educando seja seu próprio educador, para que siga seu próprio caminho.

Este educador filósofo com quem eu sonhava poderia, não se deve duvidar, não somente descobrir a força central, mais também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças; eu imaginava que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei de sua mecânica superior. (Nietzsche, 2011, p.167,168).

Havia duas grandes principais estratégias de ensino acontecendo na Alemanha do século XIX, recém-unificada e em tempos de revolução industrial. Nenhuma delas conduzia a uma formação que levasse em consideração a liberdade de pensamento dos indivíduos. A primeira grande tática de ensino tinha como objetivo identificar a principal força dos alunos e demandava que o professor investisse “todo brilho do sol sobre ele a fim de tornar madura e

⁴ Vejamos como Barrenechea caracteriza o método *acroamático*, criticado por Nietzsche, oriundo da tradição aristotélica, e ainda aplicado nas universidades da Alemanha do Século XIX: “Assim, Nietzsche denuncia que nas universidades se pratica um *método acromático*, Ele comenta ironicamente que a liberdade de cátedra impõe total passividade a participação do aluno se reduziria a ter ‘orelhas autônomas’ (O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação pedagógica fundamental, BARRENECHEA, 2007).”

fecunda esta única virtude. A outra máxima quer, ao contrário, que o educador tire partido de todas as forças existentes, cultive-as e faça reinar entre elas uma relação harmoniosa” (NIETZSCHE apud DIAS, 2003, p.70).

Quando Nietzsche fala, sobre o dever do mestre filósofo de conciliar as condições do aluno como se fosse um sistema solar e planetário, utiliza este cenário cósmico como uma metáfora crítica a correntes pedagógicas que tinham duas propostas: a primeira teria como objetivo concentrar toda sua energia em um mesmo ponto, trabalhar apenas um único aspecto do discente, como um máximo sol que engula todos os planetas, isso permitira a formação de um especialista “cujo produto é um ser distorcido, inepto em todas as outras coisas para as quais não foi preparado, e muitas vezes, mesmo naquilo em que foi treinado” (DIAS, 2003, p.70).

A outra proposta dessas correntes pedagógicas pretendia “fazer de todos os sóis planetas”, a fim de causar uma sensação de harmonia, que levava a uma massificação do povo, abafava assim o fogo das estrelas, ou desfazendo a metáfora, não incentivava nenhuma força motriz, mas sim nivelava o currículo escolar, sem dar espaço para o aprendiz demonstrar predileções ou grandes talentos.

Nietzsche, propõe outro caminho para a formação, ele deseja encontrar um mestre que saiba cultivar seu sol e planetas, porque o nosso sistema solar é composto de múltiplos afetos, mas também de uma “força central” que comanda nossos interesses e predomina entre nossas capacidades. Esta formação integral do ser humano, que Nietzsche aspirava desenvolver como uma forma de educação abrangente, não estava muito distante do modelo de ensino cultivado em Pforta, colégio interno onde o filósofo alemão estudou por seis anos da sua vida, o tão afamado *Gymnasium*⁵. Nesse sentido, vejamos o comentário de Lemos Britto (2015, p. 44):

Seu modelo está firmemente comprometido com uma pedagogia esclarecida, cosmopolita, especialmente humboldtiana, em que o coeficiente da disciplina é a responsabilidade para com o outro, este outro imediato, que é o companheiro de escola, ou a própria nação alemã.”(...)”tendo em vista, através de um estudo centrado nos clássicos, uma formação cujo conceito principal é a totalidade [*Totalität*], e que deve fazer que “a vida do indivíduo, em todas as suas relações, se abra [*aufgeht*] completamente (BRITTO apud JANZ, C.P. op.cit.,p.66-67)

Nietzsche vivenciou esta formação bem disciplinada, humanista, que o introduziu no estudo dos clássicos universais. A feição crítica, marcante em toda sua obra, foi construída através de suas muitas horas de estudo com os colegas de escola. A imagem do sistema solar e

⁵ Compreendemos os anos do *Gymnasium* alemão como o equivalente ao ensino atual brasileiro dos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

planetário, no qual o mestre filósofo deveria transformar seus alunos, muito se assemelha com essa formação total, integral do ser, que ele tinha recebido em Pforta.

Assim, esta pesquisa estabelece uma linha de pensamento que se inicia com a análise da formação do estudante Nietzsche e nos conduz até seus dias de mestre na Basileia. Pautamos essa pesquisa, nos capítulos: *Nietzsche: Anos de Aprendizagem*, que estudará o percurso de Nietzsche de um modo singular, pois investigaremos sua infância, sua relação com os familiares e seus anos de escolarização, da escola para meninos em Naumburg a Universidade de Leipzig. No segundo capítulo, *As Críticas aos Estabelecimentos de Ensino*: abordaremos a voz pedagógica de Nietzsche, esclarecendo sua visão sobre os rumos da educação. O terceiro capítulo: *Nietzsche Filósofo Educador* abordará a atividade de Nietzsche como professor, partindo de vários relatos de seus alunos que nos ajudarão a esclarecer quais foram as estratégias pedagógicas, quais as qualidades a serem cultivadas pelo educador filósofo.

Capítulo 1 – Nietzsche: anos de aprendizagem

Iniciaremos esta pesquisa investigando a escolarização do jovem Nietzsche. Na época em que o filósofo era uma criança de seis anos de idade, o século XIX chegava a sua exata metade. É importante destacar que muitas modificações estavam acontecendo na nação alemã, com grandes impactos no modo que era conduzida a educação. O artigo: *Nietzsche e a educação: da crítica à educação moderna a uma educação para criação*, de Marinete Araújo da Silva nos oferece um panorama da educação moderna.

A escola moderna, ao passar das mãos da Igreja para o Estado, consolidou a nova ordem social burguesa que emergia e manteve a formação do homem predominantemente no desenvolvimento da razão. Sua estrutura encontrava-se impregnada dos valores que se iniciaram com Sócrates e Platão, ou seja, a valorização da razão e a cisão do homem e da vida em dualismos como razão/emoção, corpo/alma, havendo sempre o privilégio dos polos abstratos como razão e alma. Compreendemos que a escola incorporou tais valores, porém com uma nova consideração: deslocou a valorização de Deus para o homem, do céu para a terra e da fé para razão. A razão característica comum aos homens, seria desenvolvida em detrimento do que era singular, dos sentidos, dos instintos. No entanto, esta educação não tratou do sentido da existência em um momento em que os valores que davam suporte a esta questão se esvaziaram de seu significado e entraram em crise, na modernidade. (SILVA, 2007) .

Reduzir a importância da escola acreditando que ela deve educar para ter sucesso em provas padronizadas, concursos e avaliações de empresas é diminuir o sentido da educação escolar. Deixar de lado a reflexão é desvincular a filosofia de um espaço onde ela é algo precioso: no pensamento e no sentimento dos que estão em formação. Neste capítulo procuraremos abordar de forma detalhada alguns dados da família de Nietzsche desde sua infância, na adolescência e juventude, até seus anos de formação inicial de universitário. A partir disso, visamos esclarecer o que levou o filósofo a “empunhar o martelo” contra as instituições de ensino da Alemanha do século XIX.

O primeiro capítulo desta monografia: “Nietzsche: anos de aprendizagem”, será dividido em dois subcapítulos: 1.1 “Família, Domgymnasium e Pforta” e 1.2 “Nietzsche Universitário”.

1.1 – Família, Domgymnasium e Pforta

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, em Röcken, um vilarejo situado na região da Alta Saxônia, ao leste da Alemanha. Foi o primeiro filho do casal Franziska e Karl Ludwig, seu pai tinha 30 anos quando casou-se com sua mãe, uma jovem de 17 anos. Em 1846, Nietzsche deixou de ser filho único para tornar-se o irmão mais velho de Elizabeth; dois anos depois foi a vez Joseph, o irmão mais novo, completar o quadro da Família Nietzsche.

A primeira casa de Friedrich era um presbitério, funcionava também como uma fazenda que tinha um terreiro na frente e um pomar atrás. “Depois do terreiro havia um jardim florido e, separadas deste por uma cerca viva, ficava o que ao menino parecia um lugar paradisíaco: quatro lagos, repletos de peixes e rodeados de salgueiros” (HOLLINGDALE, 2015, p. 24). O contato com a natureza transforma-se numa relação profunda, que se tornou um caminho privilegiado para guiar um jovem no verdadeiro caminho da cultura.⁶

Neste cenário rural alemão, os camponeses bem como a família de Friedrich Nietzsche tinham como base a religião luterana convencional, inclusive os antepassados de Nietzsche trabalhavam na igreja desde 1600, seu pai e avô paterno foram pastores benquistos por toda a região (HOLLINGDALE, 2015).

Decerto que o lar dos Nietzsche era ortodoxo; mas a qualidade dessa ortodoxia tem sido muito mal interpretada. Para alguém de fora, a Igreja Luterana se assemelha mais à anglicana do que a qualquer outra: não é fundamentalista ou fanática, nem puritana. Ocupa um lugar especial na história da cultura e na educação alemãs: a *Pfarrhaustradition*, como é chamada – a preservação e promoção do iluminismo cultural no presbitério luterano. (HOLLINGDALE, P. 20. 2015)

Nossas primeiras experiências acontecem no seio da instituição familiar, essas vivências vão se acumulando e gradativamente constituem nosso painel, nossa visão de mundo. As percepções da realidade são também frutos da cultura onde estamos inseridos e o bom acolhimento da criança pelos seus responsáveis é fundamental para o desenvolvimento

⁶ “Se vocês querem guiar um jovem no verdadeiro caminho da cultura, abstenham-se de romper a relação ingênua, confiante e, por assim dizer, a relação pessoal e imediata que ele tem com a natureza: é preciso que a floresta e o rochedo, a tempestade, o abutre, a flor solitária, a borboleta, a campina, a encosta da montanha, cada uma dessas coisas fale a sua linguagem; é preciso que ele se reconheça nelas como em inumeráveis reflexos e cintilações dispersos, no turbilhão com mil cores de aparências cambiantes; então, experimentará inconscientemente a unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza, e assim se acalmará com o espetáculo de sua eterna permanência e de sua necessidade.” (NIETZSCHE, 2014, P. 122-123)

do indivíduo. Portanto, como professores, preocupamo-nos em conhecer o meio onde vivem nossos estudantes, investigamos o contexto onde estão inseridas as suas famílias, quais são suas crenças, com o que trabalham, quais são seus costumes, qual é a rotina da criança.

Esses questionamentos fazem parte de um processo de investigação, que nos ajuda a conhecer quem são as pessoas que cuidam de cada aluno para que assim possamos compreendê-lo e trabalhar para sua formação em comunhão de valores, percebendo também quais são as inclinações apresentadas pelos discentes. Nesse sentido, veremos como foi a formação do pequeno Nietzsche. Eis o depoimento do próprio filósofo no fragmento abaixo, que foi retirado do livro *Aus meinem Leben*, escrito em 1858.

Já vivi tanta coisa – alegrias e tristezas momentos felizes e infelizes – mas em todos eles Deus me guiou com a mesma segurança com que um pai guia seu filho pequeno e frágil (...) Tomei a firme decisão de me dedicar para sempre a seu serviço. Que o senhor me dê forças para realizar meu propósito e me proteja em meu caminho de vida. Como uma criança, confio em Sua graça: que Ele nos guarde e proteja de qualquer infortúnio. Mas que seja feita Sua sagrada vontade! Dele tudo aceitarei com alegria: satisfação ou descontentamento, pobreza ou riqueza, e enfrentarei corajosamente até mesmo a morte, que um dia unirá todos em uma eterna alegria e bem aventurança. Senhor, que a Tua face brilhe sobre nós para sempre! Amém! (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE, 2015, p. 35)

Até os quatro anos, o “jovem Fritz”, como era apelidado, esteve cercado de parentes que viviam em harmonia em um lar religioso, onde a música, a literatura e a natureza eram uma constante fonte de cultura; aos seis anos, ele ganhou seu primeiro piano e desenvolveu habilidades musicais notáveis.

Além do seu pai e sua mãe, a figura mais influente de sua infância e juventude foi seu avô materno, Pastor David Oehler, com quem ele e a irmã passaram muitas férias. O avô Oehler era um religioso caçador à moda antiga; possuía uma grande biblioteca e tinha talento para a música; seu presbitério parecia uma fazenda e grande parte do seu trabalho semanal era mais como fazendeiro do que como clérigo. (HOLLINGDALE, 2015, p. 20)

Friedrich teve em seu avô materno um exemplo de força, vitalidade e alegria que fora transmitido à sua mãe, que o concebeu aos 18 anos de idade e o acompanhou até a sua morte. Como o próprio Nietzsche diz no trecho acima, desde a infância ele conheceu momentos felizes e infelizes. O contato com o pai, as férias com os avós e sua vida no presbitério poderiam compor um poema árcade.

Porém a morte não respeita pais ou filhos, vidas alegres ou tristes, e aos 36 anos morre Karl Ludwig, o pai de Nietzsche. O diagnóstico da época foi de morte por "amolecimento do

cérebro". Seis meses após a morte do pai, morreu também seu irmão mais novo, Joseph, que tinha apenas dois anos de idade. A morte do seu pai é relatada dez anos depois pelo jovem Fritz em *Aus meinen Leben*. O sentimento de perda permanece latente, é visível que sua tristeza perdurou com o passar dos anos. (HOLLINGDALE, 2015)

Até então, conhecíamos apenas alegria e felicidade, nossa vida transcorrera serenamente como um dia claro de verão; mas agora ergueram-se nuvens negras, luziam relâmpagos e desabaram raios do céu. Em setembro de 1848, meu amado pai ficou mentalmente doente [*gemütskrank*] de maneira repentina. [...] Morreu no dia 27 de julho de 1849. Quando acordei naquela manhã, ouvi choros e soluços a minha volta. Minha querida mãe entrou no aposento aos prantos, lamentando-se: “Ó, Deus! Meu querido Ludwig está morto!”. Embora fosse ainda muito jovem e inexperiente, eu já fazia ideia do que fosse a morte: o pensamento de estar separado para sempre do meu amado pai tomou conta de mim e chorei amargamente.

(*Aus meinem Leben in Nietzsche: uma biografia*. HOLLINGDALE, P. 26. 2015)

A perda, também durante a infância, precisa ser elaborada para chegar à aceitação dos sentimentos e permitir-se prosseguir a continuidade da existência; a dor e o sofrimento são imanescentes à vida e se opõem como momentos de tristeza que nos fazem valorizar as alturas de momentos mais potentes e alegres da existência.

A família de Friedrich estava em situação de mudança, uma vez sem o pastor, o chefe da família, tiveram que deixar o presbitério. Mudaram-se então para a cidade murada de Naumburg, e pela primeira vez, Friedrich Nietzsche ingressou na escola para meninos da cidade.

A escola, como não poderia deixar de ser, exerceu seu papel de socialização, integrando o jovem Nietzsche à sociedade local, segundo Hollingdale (2015, p. 29), “Ali fez seus primeiros amigos: dois meninos de Naumburg chamados Wilhelm Pinder e Gustav Krug”. As famílias dos meninos eram amigas, e foi frequentando a casa de seus amigos que Nietzsche teve contato com a obra de Goethe e também com músicos visitantes que se apresentavam na cidade (HOLLINGDALE, 2015).

As amizades de infância perduraram longamente até o final da adolescência e renderam aos três meninos uma sociedade chamada de “Germânia”, criada para desenvolver os trabalhos artísticos, literários e musicais dos seus membros. A capacidade intelectual e artística de Nietzsche era evidente desde sua infância (HOLLINGDALE, 2015).

Na primavera de 1851, Nietzsche e seus dois amigos foram transferidos da escola municipal para uma escola preparatória particular, onde permaneceram até outubro de 1854 e onde Nietzsche obteve seus primeiros fundamentos de latim e grego.

Depois passaram para o ensino mais avançado no Domgymnasium; após quatro anos ali, Nietzsche foi contemplado com uma bolsa em Pforta. Ele deixou o Gymnasium ao fim do período letivo de verão em 1858 e começou em Pforta dia 5 de outubro.

(HOLLINGDALE, 2015, p. 31-32)

Pforta foi um marco na vida de Nietzsche e uma referência que aproxima sua biografia da educação como espaço de aprendizagem e caldeirão de suas ideias sobre os estabelecimentos de ensino. Seus anos de formação são a base de sua reflexão sobre uma educação para a construção de si, e as práticas que devem ser estabelecidas nestas instituições tendo em vista uma formação *ideal* de seus alunos (BRITTO, 2015).

Dos pontos de ruptura [*Wendepunkte*] que até agora dividiram minha vida em partes, indico especialmente dois: a morte de meu pai, pastor em Röcken, próximo de Lützen [...]. E em seguida, aos quatorze anos, minha mudança do Gymnasium de Naumburg para Pforta. (NIETZSCHE apud BRITTO, 2015, p. 37,38)

Franziska concedeu a seu filho o poder de escolha para aceitar ou não o convite para estudar no colégio interno de Pforta, Nietzsche aceitou prontamente. Primeiramente pela fama do colégio aristocrático e também pela beleza da natureza local, que ficava apenas a uma hora de caminhada de Naumburg (HOLLINGDALE, 2015).

Foi completamente deixado para mim decidir se eu queria aceitar ou rejeitar a oferta. Já desde tempos anteriores eu tive uma parcialidade por Pforta, em parte porque eu estava atraído pela boa reputação da escola e os nomes famosos que tinham estado lá no passado e os que estavam lá no presente, em parte porque eu admirava a bela locação e natureza que a cercava. Eu rapidamente decidi aceitar a oferta e eu nunca me arrependi disto. *Nietzsche Werke: Kritische Gesamtausgabe*⁷

Vejamos alguns antecedentes históricos dessa escola. Em 1543, o Duque da Saxônia transformou o velho monastério, localizado a 60 km de Leipzig no vale do rio Saale, num colégio interno para preparar seus estudantes da melhor forma para a universidade. Depois das guerras napoleônicas, a escola se tornou prussiana e tornou-se uma das mais famosas escolas da Alemanha.⁸ “Como uma escola real subsidiada pelo Estado prussiano Pforta se

⁷ It was completely left to me if I want accept or reject the offer. Already since earlier times I had had a partiality for Pforta, partly because I was attracted to the good reputation of the school and the famous names of those who had been there in the past and are there at present, partly because I admired the beautiful location and surrounding nature. I quickly decided to accept the offer and have never regretted it. (KGB 1.2, 10 [10], also published in BAW 1, 284)

⁸ It was as early as 1543, when Moritz Duke of Saxony transformed the old monastery, located 60 km from Leipzig in the valley of the river Saale, into a boarding school to prepare its students in the best way for university. After the Napoleonic wars the school became Prussian and developed into one of the most famous schools in Germany. Retirado do *site* <http://www.landesschule-pforta.de/>

anuncia como aberta a receber solicitantes de todas as classes sociais, com a única exigência de escolher entre eles os mais brilhantes alunos”. (BRITTO, 2015 p, 38,39)

A escola era dividida em três níveis de ensino: terceira, segunda e primeira. Cada nível era subdividido em inferior e superior, então o aluno iniciava seus estudos na categoria de terceira inferior e terminava seus estudos no estágio de primeira superior. A disciplina era fator determinante para a integração e organização dos internos.

O regime de internato era bastante rígido, apesar de Nietzsche confessar uma primeira impressão favorável, em carta à mãe ainda do início de outubro, afirmando o quanto Pforta parecia menos desagradável do que anteriormente supunha, apesar de reclamar um tanto quanto a “gentileza da acolhida” [...] Por um lado, as saídas eram permitidas somente aos domingos, à exceção de algumas festividades, e de certos privilégios dos alunos dos últimos anos. Era esse o dia em que Nietzsche frequentemente encontrava sua mãe, por algumas horas, no meio do caminho entre Pforta e a casa da família. (BRITTO, 2015 p, 40)

Aos quatorze anos Nietzsche não morava mais com sua família, vivia agora sob o rigoroso controle da escola. Acordava às quatro horas da manhã e começava suas atividades às cinco horas; as aulas iam de seis horas ao meio dia e a classe retomava após o almoço à uma e quinze da tarde, permanecendo em atividade escolar até as dez para as quatro. Havia outras aulas à noite e todos se recolhiam às nove horas (HOLLINGDALE, 2015).

Um dos pilares da escola era a fraternidade entre os companheiros. Pforta era congruente com sua postura humanista. A instituição contava com uma hierarquia de viés aristocrático que organizava a convivência entre seus alunos. Os próprios internos colaboravam com a supervisão das classes, os melhores alunos recebiam semanalmente os encargos de *fumulus*, que auxiliava o docente, e o *hebdomadori*, escolhido entre os mais antigos estudantes para garantir a ordem nos refeitórios, na capela e nos dormitórios, na ausência de um professor (BRITTO, 2015). “Cada mesa de trabalho da escola comportava quatro alunos, sendo que dois provenientes da segunda e da primeira classe deveriam auxiliar e, caso necessário, reprimir os outros dois companheiros.” (BRITTO, 2015 p, 41)

Hollingdale (2015) nos conta que a rotina da escola fez Nietzsche muitas vezes ser tomado “por um desejo avassalador de sair de lá e voltar para casa”. A liberdade a qual estava acostumado havia rapidamente se transformado em rigor e vigilância. Porém o grande triunfo de Pforta estava no ensino do grego, do latim e também nos clássicos alemães, que inundaram de curiosidade a mente do futuro filósofo.

A escola era basicamente um mundo de livros: os alunos não respiravam o ar da Europa moderna, mas sim o da Grécia e Roma antigas e o da Alemanha, de Goethe e Schiller, e exclusivamente na qualidade de ex-aluno de Pforta é que Nietzsche deve ter se tornado professor de filologia clássica, pois era para isso que o currículo de Pforta mais se indicava. (HOLLINGDALE, 2015, p. 38)

A obra literária *Aus meinem Leben*, produzida nos anos em Pforta, anuncia o início do estilo nietzschiano e as emoções e ideias do jovem secundarista começam a amadurecer. “No momento estou dominado por uma ânsia em comum de conhecimento, de cultura geral [*Bildung*] [...] Foi Humboldt⁹ quem despertou isso em mim. Se, pelo menos, fosse permanente como minha dedicação à poesia!” (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE 2015). Vejamos como Dias comenta o processo de aprendizagem de Nietzsche

Aos poucos, porém, passa a refletir sobre essa sua busca ávida de conhecimento: o que havia lucrado com ela? Começa então a se dar conta de que todo o saber acumulado se achava dissociado da vida. Descontente, sonha com um tipo de educação que não se afaste da vida. Admite que árvore do conhecimento e a árvore da vida são a mesma, mas recusa a ideia de que devam estar separados. Resolve então voltar-se para si mesmo, para seus gostos particulares. Refugia-se na música, medita sobre seus prediletos – Byron, Schiller, Hölderlin. (DIAS, 2003, p.21)

O enclausuramento do internato fez crescer o poético desejo de liberdade no jovem Fritz, como se manifesta no poema “Sem Lar”, escrito por Nietzsche em 1859. Ele escreve um “refrão que apareceria várias vezes em seus escritos posteriores: ‘ele não tem lar, por isso é livre’”:

⁹Wilhelm (Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand) von Humboldt, foi um homem alemão extraordinário, grande amigo dos poetas Goethe e Schiller, cuja vida de trabalho abrange as áreas da filosofia, literatura, linguística, antropologia, educação e pensamento político e estadista. Retirado do site:<http://plato.stanford.edu/entries/wilhelm-humboldt/#RetuGermPublEducPoli>

“Flüchtge Rosse tragen	Cavalos velozes me levem,
Mich ohn Furcht und Zagen	Sem temor nem desânimo,
Durch die weite Fern.	Por lugares distantes.
Und wer mich sieht, der kennt mich,	Quem me vê, me conhece,
Und wer mich kennt, der nennt mich:	E quem me conhece, me chama:
Den heimatslosen Herrn	O homem sem lar.
Nimand darf es wagen,	Ninguém se atreve a
Mich danach zu fragen,	Me perguntar,
Wo mein Heimat sei:	Onde fica o meu lar:
Ich bin wohl nie gebunden	Talvez eu nunca tenha sido acorrentado
An Raum und flüchtge Stunden,	Ao espaço e às horas fugazes,
Bin wie der Aar so frei!”	Sou livre como uma águia

Nesta época Nietzsche apresentou à sua sociedade de amigos, Germânia, vários de seus trabalhos, como os ensaios “Destino e História” e “Da Infância dos Povos”, em 1862. Percebemos que a devoção do estudante começa a ser questionada, pois nesses ensaios, ele sustenta a ideia “que embora a religião fosse um sinal de criatividade dos povos, em sua forma tardia o seu principal efeito era roubar toda a divindade ‘deste mundo’ em favor do ‘próximo mundo” (HOLLINGDALE, p 44). Vejamos o próprio relato do jovem Nietzsche:

O fato de Deus ter se tornado homem [...] indica apenas que o homem não deve buscar sua bem-aventurança na eternidade, e sim fundar seu paraíso na Terra; a ilusão de um mundo supraterrâneo levou o espírito humano a uma atitude equivocada perante o mundo terreno: isso foi produto da infância dos povos. (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE 2015, p. 44)

Os primeiros anos de aprendizagem de Nietzsche foram intensos. Quando menino aprendeu que os seres humanos morrem, sem aviso prévio, sem importar o quanto você os ame. Apreciava a natureza e aprendia com ela também muitas coisas, como ter calma e admirar sua harmonia e regularidade. “Sobressai-se como uma criança de inteligência superior, apaixonado pelos livros e pela música, a qual, mais tarde, exercerá uma decisiva influência em sua vida e em seu pensamento” (DIAS, 2003, p. 20).

A pedagogia da Escola de Pforta pretendia desenvolver em seus alunos uma formação intelectual e espiritual em um nível muito mais aprofundado que o da educação técnica ou profissionalizante. Os princípios humanísticos valorizados no Gymnasium eram diferentes

dos princípios regentes das escolas que começavam a surgir na Alemanha no século XIX, que voltavam sua formação para preencher quadros de funcionários nas indústrias que despontavam no país.

No artigo *O questionamento radical da pedagogia Moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação pedagógica fundamental*, Barrenechea aponta para a crítica de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino. As críticas estão vinculadas aos valores da modernidade que o filósofo alemão considera decadente. A educação tecnicista propicia uma tendência niveladora, que pretende abolir as singularidades dos indivíduos tornando os cidadãos “iguais por decreto”.

Em suas conferências, intituladas “Sobre o Futuro dos Estabelecimentos de Ensino” proferidas em 1872, observamos que as raízes do desconforto de Nietzsche a respeito da educação moderna, restrita e utilitarista estão no contraponto da educação vivenciada por ele. Um problema se apresenta: “como conciliar essa formação clássica, exemplarmente disciplinada no sentido orgânico, com as exigências profissionais que já se anunciam?”. Em 1864, Nietzsche conclui seus estudos em Pforta e sai munido de seu *abitur*,¹⁰ pronto para ingressar na universidade.

1.2 – Nietzsche Universitário

Já na universidade, no ano de 1868, Nietzsche escreve sobre seus anos de *gymnasium*:

Eu mesmo, em grande parte, fui encarregado de minha própria educação. Meu pai [...] morreu prematuramente: faltou-me a direção firme e refletida de uma inteligência masculina. Quando, ao sair da infância, entrei no colégio de Pforta, só conhecia um sucedâneo da educação paterna: a disciplina uniforme de uma escola bem organizada. Mas essa rigidez quase militar, que, destinada a agir sobre a massa, trata o indivíduo de maneira fria e superficial, só fazia com que eu me refugiasse em mim mesmo. Contra um regulamento cego, preservei minhas aspirações e meus gostos particulares, vivi no culto secreto de algumas artes, esforcei-me em quebrar o rigor de uma rotina inflexível, entregando-me à busca exacerbada do saber universal e de suas alegrias. Por pouco não me tornei músico. Desde a idade de nove anos, de fato sentia pela música o mais vivo interesse, [...] tinha adquirido conhecimentos teóricos que não podiam ser considerados os de um simples diletante. Entretanto, somente perto do final de minha escolaridade em Pforta, observando-me, abandonei inteiramente a ideia de uma carreira artística: esse lugar foi logo ocupado pela filologia” (Nietzsche apud Dias, 2003, p.23)

¹⁰ O Abitur é o exame que conclui o ensino secundário na Alemanha e que equivale ao vestibular brasileiro, servindo como passaporte para ingressar em uma universidade na Europa. Retirado do *site* <http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/Startseite.html>

Vários questionamentos entram em jogo quando o adolescente, recém-formado no então *gymnasium*, se depara com a escolha da profissão, existe uma pressa própria da sociedade Moderna, para tornar este jovem produtivo, ou seja, gerador de dinheiro, pois, o ócio não é compreendido como criativo, mas sim como inútil no mundo capitalista, onde a produção fez dos homens “moedas correntes”. A influência externa social se torna decisiva na hora de escolher qual carreira seguir. Melhor seria se a profissão a seguir condissesse com as aptidões e interesses, e com a forma como o estudante vê o mundo e a si mesmo.

Para Nietzsche a escolha de qual caminho seguir, após o fim da escolarização básica também não foi fácil, mesmo já tendo predileção para o estudo da filologia ele “resolve seguir o que já lhe é familiar: a profissão de seu pai. Em 1864, matricula-se na universidade de Bonn como estudante de teologia. Ali porém permanece pouco tempo. No ano seguinte, muito a contra gosto de sua mãe, abandona o curso” (DIAS, 2003, p.23).

Bonn se revelou para Nietzsche um modelo de formação acadêmica, completamente diferente de Pforta. Britto compara as universidades de Bonn e Leipzig; esta última será a escolhida por Nietzsche após deixar Bonn.

Fundada como universidade em 1818, Bonn pretende cumprir as metas pedagógicas do projeto humboldiano¹¹; mas, por não possuir uma tradição institucional, até aquele momento, relevante e por se situar em uma região onde o crescimento industrial avança pioneiramente, a partir de meados do século XIX, acaba por adicionar a essas características técnico-pragmáticas. Por seu cosmopolitismo demasiadamente *moderno*, individualista e burocrático, aos olhos de Nietzsche, ela se contrapõe sensivelmente a Leipzig. A universidade aí estabelecida é uma das mais antigas da Alemanha, tendo sido inaugurada em 1409. Bem afastada da fronteira com a França, a leste, ela recebe moderadamente os efeitos do crescimento industrial e da ascensão da classe burguesa durante o século, e preserva um espírito de pesquisa obstinadamente clássico, que se agregará sem dificuldades, à reforma pedagógica alemã instituída há poucas décadas. Trata-se portanto de uma questão de *ambiente*. (BRITTO, 1978, p.48 - 49).

O tempo que passou em Bonn foi importante para Nietzsche perceber o que não queria. O que esse tempo representava, de fato, é o período em que ele tentou viver como

¹¹ No curto período de 1809-1810, Humboldt foi capaz de instituir uma reforma radical em todo o sistema educacional prussiano, da escola primária e secundária até a Universidade, que teve como base o princípio da educação gratuita e universal. Sua idéia de combinar o ensino e a pesquisa em uma instituição que o guiou no estabelecimento da Universidade de Berlim, em 1810 (Universidade Humboldt de hoje) e as estruturas que ele criou para esta instituição se tornaria o modelo não só toda a Alemanha, mas até para a universidade em maioria dos países ocidentais. Retirado do site: <http://plato.stanford.edu/entries/wilhelm-humboldt/#RetuGermPublEducPoli>

qualquer outro jovem e descobriu que não conseguia. Assim que chegou à Bonn, Nietzsche juntou-se à *Burschenschaft* “Frankonia”¹², ele fez o que podia para se enturmar, como sátiras e improvisos ao piano, mas a bebedeira, que era um aspecto marcante do grupo não estava entre os interesses de Nietzsche. (HOLLINGDALE, 2015)

Apesar do seu aspecto negativo, os dez meses letivos em que Nietzsche estudou em Bonn assistiu aulas com Otto Jahn e Friedrich Ritschl dois “filólogos de primeira ordem, como também homens de vasta cultura e professores capazes de inspirar grande dedicação em seus alunos” (HOLLINGDALE, 2015, P.49-50).

Dias (2003) afirma que o jovem Nietzsche “teria fechado os livros e aberto o piano, se Ritschl [...] não tivesse percebido seu dom para a filologia. Disse ele a Nietzsche: ‘Se quiser ser um homem forte, torne-se mestre de um único objetivo, insista no seu trabalho’”. Quando, no ano seguinte, Ritschl saiu de Bonn e foi lecionar em Leipzig, Nietzsche o acompanhou como aluno no curso de filologia.

Nietzsche se depara com o livro *O mundo como vontade e representação*¹³, do filósofo Arthur Schopenhauer. Este encontro foi marcante em sua vida intelectual. A descoberta de seu mestre filósofo, “(...) aconteceu no fim de outubro ou início de novembro de 1865, logo depois que chegara a Leipzig. Ele ainda estava impregnado do descontentamento e insatisfação que trouxera consigo de Bonn” (HOLLINGDALE, 2015, p.57). Nietzsche escreve sobre a renovação de seu ânimo após a leitura de Schopenhauer.

Eu vivia, então, num estado de indecisão e impotência, sozinho com certas experiências dolorosas e decepções, sem princípios fundamentais [*Grundsätze*], sem esperanças e sem guardar uma única lembrança boa (...) Agora imagine o impacto que teria a leitura da principal obra de Schopenhauer para um homem nessas condições. Um dia encontrei este livro em (...) [uma] loja de livros usados, peguei-o nas mãos como algo totalmente desconhecido e comeci a folhear. Não sei que diabo me sussurrou “leve este livro pra casa”. Isso ia contra o meu costume habitual de não me precipitar ao comprar livros. Chegando em casa, joguei-me no sofá com o

¹²A *Burschenschaft* “Frankonia” fazia parte das “associações estudantis”, que foram estabelecidas em 1815 para congregar os alunos de todas as universidades alemãs, num movimento que tinha como objetivo propiciar uma Alemanha liberal e unida, mas na década de 1860 seu fervor político já tinha se esfriado quase ao ponto de congelamento e elas não passavam de clubes sociais com uma ornamentação ritualística. (HOLLINGDALE, 2015, p.50)

¹³No livro “O mundo como vontade e representação”, Schopenhauer fala de um tipo de conhecimento que não relaciona uma ideia a outra, mas sim a uma realidade imediata: o conhecimento de si mesmo. O “pensamento único” que constitui sua filosofia é a premissa: “Meu corpo e minha vontade são uma coisa só”. Tenho consciência das outras coisas, enquanto um objeto existente no espaço e no tempo, enquanto “fenômeno”; mas também tenho consciência de mim mesmo subjetivamente, enquanto vida, sentimento, sofrimento, desejo – ou, no termo abrangente de Schopenhauer, enquanto vontade. (HOLLINGDALE, 2015, p. 92)

tesouro recém conquistado e deixei que aquele gênio enérgico e sombrio começasse a agir sobre mim (...) Via ali um espelho no qual contemplava o mundo, a vida e minha própria natureza em sua espantosa grandiosidade (...) via ali doença e saúde, exílio e refúgio, Inferno e Paraíso. (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE, 2015, p.57- 58)

Iluminado por seu novo mentor intelectual, Nietzsche torna-se schopenhaueriano e escreveu inspirado pelo autor o ensaio *A última redação da teognídea* um ensaio sobre Teógnis. Apresentou este trabalho ao grupo de estudos do qual fazia parte: a sociedade filológica de Leipzig, fundada por Ritschl em dezembro daquele ano. Logo após apresentá-lo é chamado ao escritório do docente e convidado a explicar quais eram suas intenções com a obra:

Disse a ele a primeira coisa que veio à minha cabeça, [escreve Nietzsche,] que ter servido de base para uma palestra em nossa sociedade já serviria a seu propósito. Então ele perguntou a minha idade, há quanto tempo estudava etc., e quando respondi declarou que jamais havia visto no trabalho de um estudante de terceiro semestre tamanho rigor metodológico ou segurança na compilação. Insistiu veementemente que desenvolvesse a palestra para transformá-la num livreto (...) Depois dessa cena, minha autoconfiança disparou (...) Por algum tempo andei por aí com a cabeça em turbilhão; foi o período em que nasci como filólogo. (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE, 2015, p.55)

Em Leipzig, Nietzsche descobriu que Schopenhauer seria seu mestre filósofo; além disso, escreveu ensaios acadêmicos que foram reconhecidos e elogiados por seu professor favorito, Ritschl e por causa deste chegou também a conhecer e conquistar a amizade do seu ídolo musical, Richard Wagner. O encontro aconteceu nas seguintes circunstâncias: Wagner estava hospedado na casa da irmã em Leipzig, apenas amigos próximos visitavam a casa.

Um desses amigos próximos era Frau Ritschl, que estava presente numa noite em que Wagner tocava a canção do Prêmio de Walter de *Meistersinger* ao piano; ela observou que já conhecia a música por meio de um aluno do seu marido que era um ardoroso admirador de Wagner. Richard expressou sua satisfação e disse que gostaria de conhecer o jovem se fosse possível. Por conseguinte, quando Nietzsche retornou aos seus aposentos na tarde de 6 de novembro, encontrou à sua espera um bilhete de um colega, Ernst Windisch: “Se quiser conhecer Richard Wagner, venha ao Café Théâtre às três e quarenta e cinco” (HOLLINGDALE, 2015, P.62)

Durante a reunião, Wagner estava rodeado de admiradores, dominando a conversa de forma alegre e vibrante, apresentou suas composições antes e depois do jantar. Nietzsche ainda pode conversar com o artista sobre a filosofia de Schopenhauer e descobriu que este também era um admirador entusiasta do filósofo. Ao final, Nietzsche foi convidado para

visitar a residência dos Wagner para falarem de música e filosofia (NIETZSCHE apud HOLLINGDALE, 2015). Começava aí uma amizade que fascinou Nietzsche e foi assunto de alguns de seus escritos.

Hollingdale (2015) nos mostra que em Leipzig, Nietzsche desenvolveu pelo menos duas ideias que reverberaram em seus textos posteriores, são elas: um estudo sobre Homero e Hesíodo. A partir desse estudo, ele desenvolve o conceito do *agon*¹⁴ ou disputa que seria essencial para a composição da cultura helênica. Escreveu também um ensaio sobre Diógenes que foi publicado em 1868, que tinha como epígrafe a máxima de Píndaro: “torna-te quem tu és!”. Máxima que, muitos anos depois, tornou-se subtítulo da autobiografia do próprio Nietzsche, *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*.¹⁵

O curso de filologia aponta para capacitar para a profissão docente; sabendo disso Nietzsche fica atento à didática dos seus professores, aos métodos científicos que aplicavam; visava ser um mestre capaz de despertar o pensamento e a análise crítica de seus alunos. Sobre isso ele escreve:

Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e o como de uma ciência. (NIETZSCHE, apud, DIAS, 2003, p.26)

Durante o ano de 1969, o professor Ritschl foi convidado a indicar um nome para preencher a cadeira de Filologia Clássica na Universidade da Basileia. Ele indicou seu aluno preferido, o jovem Friedrich Nietzsche. Para concluir os requisitos para assumir a cátedra

¹⁴Nietzsche analisou, no quinto prefácio de seu livro: *Cinco prefácios para livros não escritos*, o conceito de *agon*, que aparece na *Ilíada*, quando dois heróis combatem entre si nos jogos e competições ou no próprio campo de batalha. Nietzsche traduz o termo de *agon* como “disputa” ao falar de uma educação agônica grega, onde os alunos inspirados pelos heróis homéricos, e pela superação da disputa, pela glória da vitória, que poderia significar a própria vida, buscava dar sempre o melhor de si mesmo. (SUSSEKIND, 1996).

¹⁵A ideia de se chegar a ser o que se é, segundo a ótica nietzschiana, é abordada por Dias, “Convocar o indivíduo para a tarefa de chegar a si mesmo é uma questão constantemente abordada por filósofos e moralistas [...] Entretanto, não se pode aplicar uma leitura metafísica à questão do individualismo em Nietzsche. A crítica da noção de sujeito da consciência, de ‘eu’ fixo e estável, a qual contribui, em muitos aspectos, para a vida gregária [...] O ‘eu’ a que Nietzsche se refere é algo que se almeja e se supera, e não uma substância fixa.[...] O ‘eu’ é uma construção, um ‘cultivo de si’ permanente. Para ousar ser ‘si mesmo’ é preciso antes de mais nada uma tarefa educativa”(2003, P. 68-69)

faltava a Nietzsche sua tese de doutorado “mas os professores de Leipzig, levando em consideração seus trabalhos publicados na revista *Rheinisches Museum*, dirigida por Ritschl, concederam-lhe o título de doutor” (DIAS, 2003, p.27).

Com um pouco de hesitação, Nietzsche aceita a responsabilidade de se tornar professor universitário no *Pädagogium* na Suíça. “Na Basileia quiseram que adotasse a nacionalidade suíça para evitar que seus deveres como cidadão prussiano o fizessem ser convocado a prestar serviço militar no futuro”, Nietzsche partiu para Basileia no dia doze de abril, porém há nesse fato uma curiosidade: “No dia 17 deixou de ser um cidadão da Prússia; no entanto, nunca preencheu depois as qualificações exigidas para a cidadania suíça, e por isso permaneceu pelo resto de sua vida sem uma nacionalidade definida.” (HOLLINGDALE, 2015, p.63).

Chegou a última noite que passo na minha pátria. Amanhã de manhã partirei para o vasto mundo. Vou dedicar-me a uma nova e inabitual tarefa, numa pesada e abafante atmosfera de deveres e obrigações. Mais uma vez é preciso dizer adeus. O tempo dourado em que a atividade é livre, ilimitada, em que cada minuto é soberano, em que a arte e o universo se oferecem aos nossos olhos como um mero espetáculo de que mal participamos, esse tempo passou irrevogavelmente (...) Tenho ainda suficiente coragem para romper, se necessário, qualquer elo e recomeçar, de uma outra maneira ou em outro lugar, uma nova vida. Não adquiri ainda a postura curvada tão característica do professor. Zeus e todas as musas me preservem de ser um filisteu, *homem abandonado pelas musas*, homem de rebanho! Não vejo como me poderei tornar no que não sou. É certo que a partir de agora faço parte do gênero dos filisteístas, do ‘homem especializado’, e é natural que uma ocupação diária, com uma concentração incessante do pensamento em certos conhecimentos e certos problemas entorpeçam um pouco a sensibilidade do espírito e ataquem em suas raízes, o senso filosófico. Mas imagino que possa aceitar o perigo mais tranquilamente que a maior parte dos filólogos: a serenidade filosófica está em mim enraizada muito profundamente. (...) Quero ser mais que um instrutor de bons filólogos. Penso nos deveres dos mestres de hoje: preocupo-me com a geração que vem depois de nós. Tudo isso me ocupa o espírito. Uma vez que temos que suportar a nossa vida, tratemos pelo menos de empregar de tal modo que ela seja estimada pelos outros, quando tivermos a felicidade de escapar dela. (NIETZSCHE apud DIAS, 2003, p.28)

Assim, Nietzsche tornou-se um profissional da educação e embora tenha escrito que “ninguém deve ser professor universitário aos 24 anos”, sua insegurança foi dissolvida com os aplausos de sua aula inaugural¹⁶: “quando começou a lecionar descobriu, talvez para a surpresa sua, que era um bom professor e gostava de sê-lo” (HOLLINGDALE, 2015, p.65). Nietzsche conseguiu ser um professor estimado por muitos alunos, um mestre que como seu

¹⁶ “A 28 de maio pronuncia no anfiteatro da universidade sua aula inaugural: Sobre a personalidade de Homero. Muito aplaudido pelo numeroso público presente, regozija-se com o sucesso e consolida sua posição na universidade.” (DIAS, 2003, P.30)

Zaratustra “não apenas fala diferente, **ele também** é diferente”¹⁷. Ele educava através de ações e o fazia de forma singular, a fim de despertar a singularidade dos seus alunos.

Nietzsche foi um mestre que ensinava através do exemplo da própria atividade, almejava desenvolver a reflexão crítica dos estudantes então ele mesmo revelava-se crítico, nas *Conferências sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino*. Nelas o professor Nietzsche denuncia os valores mercantis e jornalísticos que regem a educação e a cultura moderna. No capítulo seguinte abordaremos essas críticas à cultura, e aos problemas pedagógicos, abordados por Nietzsche.

¹⁷Grifo do autor. (NIETZSCHE, 2014, p,19).

Capítulo 2 – As críticas aos estabelecimentos de ensino

A unificação dos Estados Germânicos em uma unidade alemã aconteceu em 1871. Antes deste marco histórico, o território alemão era fragmentado em trinta e nove estados, reinos e cidades livres, que eram unidos apenas por laços culturais, principalmente pela língua alemã. “A Basileia era uma cidade totalmente alemã e escapara por pouco de ser incorporada ao *Reich*. Quando Nietzsche ingressou na universidade ela já tinha 400 anos (...) e o fato de tê-lo contratado tão jovem mostrava que estava disposta a fazer experiências” (HOLLINGDALE, 2015, p. 69). Desde que foi contratado, a rotina de trabalho do então jovem professor de Filologia era agitada. Em uma carta a Ritschl ele comenta sobre sua grade de horários:

Durante a semana, todas as manhãs dou minhas palestras às 7 horas, [escreve ele]. Às segundas realizo um seminário, (...) às terças e sextas leciono no Instituto duas vezes, às quartas e quintas uma vez; até o momento estou apreciando (...) tenho sete alunos em minhas aulas, e dizem por aqui que deveria estar contente com isso. (NIETZSCHE, apud, HOLLINGDALE, 2015, P.69)

Nietzsche já lecionava há três anos quando, em 1872, escreveu as cinco conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. Durante as palestras ouve-se “verdades irrefutáveis, críticas veementes ao sistema educacional alemão”¹⁸; nessa instigantes conferências aparecem questionamentos sobre onde levariam as vertentes que a educação moderna estava conduzindo seus estudantes.

Neste capítulo nos aprofundaremos nas questões culturais levantadas pelo professor Nietzsche, “ele via na cultura e nos valores da modernidade o coroamento da mediocridade e da barbárie, cujo efeito na esfera da educação acabava por conservar os estudantes na ignorância das questões filosóficas ligadas ao sentido da existência” (SOBRINHO, 2011, p.11). Já na ótica de Britto, essas críticas fazem parte de uma virada ética dos estudos¹⁹ que pretende resgatar a cultura do novo sistema que a estava deturpando.

Primeiramente, ela se dirigirá, a passos largos, e afinada com a leitura que Nietzsche passa a empreender de Schopenhauer desde 1866, a um diagnóstico pessimista da cultura atual e o projeto de restabelecimento de uma verdadeira cultura. Ela constitui o

¹⁸DIAS, 2003, p.38.

¹⁹ “[...] no método: renúncia ao egoísmo, aos humores e tendências subjetivas, etc. Morrer para o mundo, etc. (como em toda a atividade científica). Virada ética dos estudos [*Ethische Wendung des Studien*]” (NIETZSCHE, apud, BRITTO, 1978, p. 56).

gesto inaugural de uma atitude diante da *Bildung* que resultará nas conferências pedagógicas de 1872, mas cujo caminho é aberto antes, pelo duplo deslocamento, físico e ético, que o filólogo empreende ao se investigar como pedagogo. A *Wendung* filológica aparece, assim, como a condição de elaboração dos núcleos problemáticos da primeira Filosofia da cultura de Nietzsche, e o seu desenvolvimento é o arco que une os anos de estudo em Leipzig a essa Filosofia.²⁰ (BRITTO, 1978, p. 57)

Nietzsche empunha seu martelo crítico logo no primeiro prefácio de *Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino*. Começa explicando o título, esclarecendo como poderia ele prever o futuro da educação, mesmo que seja da educação alemã, da qual ele mesmo foi um aluno. Porém, ele se abstém de fazer juízo de valor sobre a educação suíça ou mesmo sobre os modelos de outros povos clássicos dos quais se originam essas instituições.

Basta que sejam escolas onde adquirimos cultura; não é fortuito que estejam associadas a nós e não colocadas sobre nós como uma vestimenta: como traços vivos de importantes movimentos culturais, em certos casos “material doméstico dos nossos antepassados”, elas nos unem ao passado do povo e, nos seus aspectos essenciais, são um patrimônio tão sagrado e tão vulnerável, que eu não poderia falar de um futuro dos nossos estabelecimentos de ensino senão na esperança de me aproximar deles, tanto quanto possível, o espírito ideal onde nasceram. (NIETZSCHE, 2011, p.51)

Logo após indicar qual seria o estabelecimento de cultura que poderia considerar-se um modelo para o aprimoramento dos discentes, entendido como propiciador de uma cultura original, verdadeira, ele critica a cultura capitalista moderna, isto é, “questiona uma concepção educativa que coloca todo sistema de ensino a serviço do mercado. (...) Predomina o quantitativo em detrimento do qualitativo: deixa-se de lado o avanço da cultura, da criação...” (BARRENECHEA, 2015, p.06 -14). Esta deturpação das instituições que seriam verdadeiramente culturais, concretização na configuração das atuais escolas modernas traz consigo consequências antinaturais para a formação e, assim, “protela-se o desenvolvimento harmonioso de todas as capacidades dos discentes.” (BARRENECHEA, 2015, p.06-14).

No título de suas conferências Nietzsche afirma seu caráter intempestivo, que como um “arúspice²¹ romano, nas entranhas do presente”²², pretende palestrar sobre o futuro, mesmo tendo o presente como “evidente”. Para sermos mestres, na ótica de Nietzsche, temos

²⁰As palavras em alemão podem ser traduzidas como formação (*Bildung*) e torção (*Wendung*)

²¹“Arúspice é um sacerdote romano da Antiguidade que fazia prognósticos e presságios, consultando as entranhas das vítimas” (SOBRINHO, 2011, p. 52).

²² NIETZSCHE, 2011, P.52.

que lutar contra essa “evidência”, que está baseada em um conjunto de valores e crenças preestabelecidas, aos quais nos habituamos e naturalizamos; por isso, é importante lutarmos, também, contra nós mesmos. Vejamos como se sintetiza essa proposta do filósofo: “Trata-se da capacidade de lutar contra sua época e até contender contra si mesmo, contra crenças e valores impostos ao longo de toda uma vida.” (BARRENECHEA, 2015). O comentador continua analisando a postura do filósofo alemão:

A inserção no tempo presente garante o conhecimento e a capacidade de enxergar todas as mazelas de uma sociedade. A perspectiva possibilitada pela distância outorga-lhe a aptidão para refletir, para tornar-se um verdadeiro espelho da época. Assim, esse docente singular, educa-se contra o tempo presente, “já que ele conhece verdadeiramente seu tempo”. Ao enxergar com clareza a própria época, ao perceber e detectar todas as “doenças” do seu tempo, ele se torna um “médico da civilização”, um crítico distante, mas ao mesmo tempo, próximo. Ele se torna um “extemporâneo” ou “intempestivo” [...] Nietzsche cunha a imagem de “médico da civilização”, que consegue detectar as mazelas da Modernidade, pois está no tempo presente e, também, consegue ver para “além do seu tempo”. O formador de docentes, ou docente, não poderia ignorar essa terapêutica cultural. (BARRENECHEA, 2015)

A sociedade que vive sob a tutela do estado Moderno não é incentivada a ser extemporânea, ao contrário, é incentivada a “marcar ponto” e a viver sempre “contando as horas”. Talvez também por este motivo esteja doente. A revolução industrial impulsiona com rapidez uma necessidade de instrumentalização científica. Nesse sentido, o aumento desenfreado das instituições de ensino gera necessidade por mais professores qualificados e doutores especializados em número bem maior do que ela consegue produzir. A mão de obra qualificada e apropriada para o trabalho é necessária em todos os setores da economia. Para suprir a demanda de trabalhadores e de consumidores houve um aumento considerável no número de escolas e professores. Como decorrência da qualificação rápida desses professores, e como resultado da alta velocidade com que acontecia, ocasionava perda da qualidade dessa formação. Neste quadro Nietzsche anuncia sua tese:

Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originalmente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender tanto quanto possível à cultura*, por outro lado a tendência a *reduzi-la e enfraquecê-la*. De acordo com a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos; de acordo com a segunda, se exige da cultura que ela abandone suas mais elevadas pretensões de soberania e se submeta como uma serva de outra forma de vida, especialmente aquela do Estado. (NIETZSCHE, 2011, p.53)

As consequências desta massiva ampliação do número de estabelecimento de ensino vão além de difundir o sentimento nacionalista, que uma nação há pouco tempo consolidada,

como a Alemanha, almejava para se afirmar. O aumento dos estabelecimentos de ensino também foi responsável pela perda de sua qualidade, e, segundo Nietzsche, por sua decadência.

A estranha decadência que está claramente no cerne de uma cultura, na qual o Estado tem razão em acreditar que ele a domina, na qual ele atinge, por intermédio desta cultura, seus próprios fins, na qual, aliado a ela, ele ataca as outras potências hostis e ao mesmo tempo o espírito que o filósofo ousava chamar de 'autenticamente alemão'²³ (NIETZSCHE, 2011, p.120).

Essa decadência está ligada à falha dos estabelecimentos de ensino que deveriam ser os promotores da verdadeira cultura, mas acabam por ser subservientes aos interesses do mercado. Isto ocorre como um sintoma dos males caracterizados por Nietzsche com a denominação dos três egoísmos; são eles: do comércio, da ciência e do Estado.

Segundo Dias (2003), para os comerciantes quanto mais a cultura for promotora do consumismo e do lucro, é melhor para o consumo, para a produção, para os negócios. A classe dos comerciantes considera sob a denominação de cultura o instrumento que permite aos homens ganhar muito dinheiro e, portanto serem muito “felizes”, vivendo como “moedas correntes”. Já o egoísmo da ciência é “a avidez insaciável por conhecimento. O avanço a qualquer preço e a toda velocidade, a pesquisa cada vez mais ‘produtiva’, no sentido econômico da palavra.” Finalmente, para caracterizarmos o terceiro egoísmo, aludimos à ciência, à crença de que a ciência seria a “reveladora” da realidade que faz “justiça aos fatos” (DIAS, 2003, p.82). Assim, as instituições de ensino buscam formar especialistas e “eruditos” que pensam fixamente em suas atividades e deixam de vincular suas pesquisas com uma atividade vivificada; restringem-se a uma infecunda erudição.

O egoísmo do Estado, por sua vez, consiste em negar à sociedade o direito a ter uma educação voltada para a formação integral do ser humano, o que inclui contato com a natureza, questionamento filosófico e a práticas criativas, artísticas e autênticas; ao invés disto, nos é oferecida uma educação voltada para preencher rapidamente quadros de funcionários; esta educação é considerada por Nietzsche como *antinatural*.

²³A verdadeira cultura, na ótica de Nietzsche, é uma tendência “autêntica pressupõe a fusão da vida e da cultura, a partir da necessidade vital de um povo e do desenvolvimento, na ‘justa proporção’, de todos os seus instintos e dons, de modo que frutifiquem em ações e obras e criem, no estilo de uma obra de arte, uma unidade viva.” (DIAS, 2003, p. 87)

Não temos o direito de silenciar sobre o fato de que muitos pressupostos dos nossos métodos educacionais modernos levam consigo o caráter do não natural e que as mais graves fraquezas do nosso tempo estão justamente ligadas a estes métodos antinaturais de educação. (NIETZSCHE, 2011, p.52).

Os métodos antinaturais característicos da educação tradicional podem ser observados até hoje. Eles se manifestam através de diversos mecanismos de controle, por exemplo: o fato de o aluno precisar pedir permissão para suprir suas necessidades fisiológicas; não poder comer fora do horário estabelecido; ser obrigado a ficar sentado, quieto, enfileirado e seguir sua vida de estudante; uniformemente, a escola nos conduz a negar inclusive a natureza do próprio corpo. Sobrinho mostra o outro caminho perfilado por Nietzsche, na contramão da educação anti-natural, que: "A educação, a cultura e a filosofia são referidas diretamente à natureza como suas determinações; nesse sentido, é através delas que a natureza busca sua realização, seu cumprimento e sua redenção" (SOBRINHO, 2014, p.11).

Sendo a natureza que determina a essência da educação, da cultura e da filosofia, apenas ela pode desmascarar a pseudocultura do Estado e, mais uma vez, concentrada e fortificada, poderá propiciar à cultura sua qualidade original. Esta previsão da vitória de uma cultura autêntica está no início da conferência *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*. Viria também acompanhada de uma estratégia natural da cultura para permanecer pulsante e criativa, como a tendência oposta a pseudocultura moderna, para além dos interesses do Estado.

A tendência ao estreitamento e à concentração da cultura, como réplica à extensão, e a tendência ao fortalecimento e à soberania da cultura, como réplica a redução. A crença na possibilidade de vitória é justificada, porque sabemos que estas duas tendências à extensão e à redução da cultura são tão contrárias aos desígnios constantes da natureza quanto a concentração da cultura num pequeno número é uma lei necessária da natureza, e de uma maneira geral, uma verdade, embora as duas outras só possam chegar a fundar uma cultura mentirosa (NIETZSCHE, 2011, p.52).

Assim pouco a pouco o estado corrompe a educação e "a cultura se reduz à reprodução, à transmissão rápida e dogmática de conteúdos já dados e cristalizados"²⁴. Por isso, o espírito da verdadeira cultura se concentra e se fecha para evitar de tornar seus alunos funcionários apressados; a genuína cultura não promove essa mecanização dos desejos de consumir a próxima novidade, de ser tomado pelo espírito da celeridade, próprios das tendências educativas modernas. Vejamos como Nietzsche caracteriza um "bom leitor".

²⁴ .BARRENECHEA, 2007, p. 128.

O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si mesmo e à sua “cultura”, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados. Não prometo quadros e novos horários para os ginásios e as escolas técnicas, admiro bem mais a natureza poderosa daqueles que são capaz de percorrer toda a via das profundezas da experiência até o cume dos verdadeiros problemas da cultura, e inversamente desses cumes até os porões dos regulamentos mais áridos e dos quadros mais esmerados. (NIETZSCHE, 2011, p.54).

Distante do leitor calmo que Nietzsche almejava o que vemos, como resultado da pseudocultura, são leitores ávidos para produzir seus trabalhos de forma meramente técnica, visando sempre a produção e o lucro. Temos aí um problema uma vez que:

Toda a educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência. (NIETZSCHE, 2014, p. 122).

Neste meio pseudo cultural, que dominava a cultura alemã moderna, e *contaminava* as instituições de ensino na época, não circulavam verdadeiros educadores, preocupados com a cultura elevada, ou com sua transmissão, senão de uma forma superficial, dedicados apenas ao acúmulo de conhecimentos: “desvinculados da vida concreta, cultor de uma erudição pedante e vazia. Esses eruditos – ou como afirma Nietzsche: ‘filisteus da cultura’(...) pretendiam, ao dominar um campo delimitado de saber, ascender socialmente e tornarem-se poderosos ou influentes.” (BARRENECHEA, 2015, p.06-14).

Outro sintoma da modernidade é considerar que gerar lucro é o mesmo que gerar felicidade, então o dinheiro é o que move a cultura moderna; a lógica do *filisteu* da cultura pode ser caracterizada pela tendência materialista descrita na passagem abaixo:

O máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidades possível -, portanto o máximo de felicidade possível: - eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível. [...] A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão correntes quanto possível, um pouco no sentido que se fala de uma moeda corrente. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conchama a se tornar corrente, formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e de lucro. (NIETZSCHE, 2011, p. 72 - 73)

No capítulo denominado *A (in)cultura moderna*, Dias (2003) aponta que os filósofos acadêmicos eram indiferentes ao conhecimento vivificado, não eram simples ou honestos,

como deveria ser um verdadeiro filósofo educador: “sua atividade consistia em fazer alguma coisa a partir do resultado de outras ciências, a ler jornais nas horas de lazer e a frequentar concertos” (DIAS, 2016, p.71). A rapidez do mundo moderno incentivava uma cultura jornalística, que empobrecia a língua alemã; inclusive na educação formal, onde o mestre deveria analisar os clássicos universais com os alunos, seria desejável a elaboração “linha por linha, com que cuidado e com que rigor é preciso fazer cada exame, quando se tem no coração um verdadeiro sentimento artístico e diante dos olhos a compreensão total do que se escreve”. Através dessa lida cuidado com a língua seria possível despertar a curiosidade do estudante, incentivá-lo a exprimir suas conclusões e pensamentos até mesmo mais de uma vez; este modelo não era o que se encontrava nas aulas dos ginásios modernos.

E o que encontramos hoje no ginásio, em lugar desta educação formal, como se diz?
 – Aquele que sabe ordenar o que vai encontrar nas rubricas convencionais saberá também que é preciso considerar o ginásio de hoje como um falso estabelecimento de ensino: ele achará de fato que o ginásio, segundo sua construção primitiva, forma não para a cultura, mas unicamente para a erudição e, em seguida, que, nos últimos tempos, ele tomou como tarefa não mais formar sequer para a erudição, mas unicamente para o jornalismo. (NIETZSCHE, 2011, p. 82)

Nietzsche (2011) critica também a postura do professor, tanto do ginásio quanto da universidade, principalmente o professor de alemão que exige redações com temas que convidam o aluno a cristalizar sua opinião. Esse estudante é obrigado a escrever sobre assuntos que demandam do aluno uma profunda reflexão, uma elaboração prematura para a qual ele não está ainda preparado, pois o professor o abandona com o tema, não o ajuda a aprimorar o seu pensamento. Posteriormente essas composições eram corrigidas pelo professor que repreendia seus autores, dentre outros motivos, por tachá-las de “inautênticas”. Por esse motivo, as instituições escolares não eram favoráveis à originalidade, ao contrário, a mediocridade é elogiada.

Já a suposta autonomia que é incentivada nas universidades, para Nietzsche, seria um instrumento de falsa independência, que dificulta ainda mais a qualidade do ensino oferecido; uma vez que o estudante está ligado à universidade pelo ouvido - como veremos no fragmento abaixo - ele também tem a liberdade acadêmica de não ouvir, mesmo porque se esta é a única ligação que ele possui com o conhecimento proferido pelo professor, é muito provável que ele não aprenda.

Me permitam avaliar sua autonomia com a escala desta cultura a considerar sua Universidade unicamente como um estabelecimento de cultura. (...) De que modo o estudante está ligado à universidade? (...) Pelo ouvido, como ouvinte. (...) O

estudante escuta. Quando fala, quando vê, quando anda, quando está acompanhado, quando tem uma atividade artística, em suma, quando vive, ele é autônomo, quer dizer independente do estabelecimento de ensino. Com bastante frequência, o estudante escreve quando ouve. Estes são os momentos em que está preso pelo cordão umbilical à Universidade. Ele pode escolher o que quer ouvir, não precisa acreditar naquilo que ouve, pode tapar os ouvidos quando não queira ouvir. (...) Uma só boca que fala para muitos ouvidos e metade de mãos que escrevem – eis o aparelho acadêmico externo, eis a máquina cultural universitária posta em funcionamento. (NIETZSCHE, 2011, p.146 -147)

Nietzsche entende que a criança e o jovem não estão em um momento adequado para desenvolver a sua autonomia, que não lhes ensinava nada. Justamente nesta época da vida, a qual o filósofo considera uma "idade, em que vê suas experiências, por assim dizer, envolvidas por um arco-íris metafísico, o homem tem a necessidade suprema de uma mão que o guie, porque, de repente (...) ele é persuadido da ambiguidade da existência..." (Nietzsche, 2014, p. 149). Vejamos agora como um comentador alude a outra possibilidade na educação, apontada por Nietzsche:

Será mister encontrarmos verdadeiros mestres que nos instiguem a uma formação completa, que nos instiguem a um desenvolvimento integral das nossas capacidades. Porém na Alemanha do séc. XIX, só existiam transmissores de conhecimento, repetidores do já instalado. Onde poderia achar-se genuínos mestres que se educaram a si mesmos, que se capacitaram para a vida? Onde haveria pedagogos que pudessem ensinar a pensar, a agir, a viver? Onde? (BARRENECHEA, 2007, p. 130)

Estes estudantes autônomos viviam sem mestres filósofos, sem artes e com um contato superficial com a cultura clássica grega, portanto as instituições de ensino também falhavam por não serem instituições de cultura. Na quinta *Conferência* Nietzsche escreve: "Tu és um homem de cultura degenerado! Nascestes para a cultura, mas foste educado pela incultura! (...) Tu és um escravo do dia a dia, atado pela corrente do momento e faminto." (NIETZSCHE, 2011, p. 154)

Para reverter este quadro é necessário uma transvaloração das instituições modernas de ensino. Começaremos o próximo capítulo analisando a possibilidade de uma mudança na figura do professor, nas instituições da modernidade. Veremos que um guia nietzschiano ensina pelo exemplo de sua vida, que é honesto e autêntico, portanto que não se curva à pseudocultura, mas que ajuda o aluno a descobrir seu próprio caminho, e assim, tornar-se um libertador do aluno.

Capítulo 3 - Nietzsche Filósofo Educador

A impessoalidade com a qual o estudante é tratado nas instituições de ensino modernas não condiz com a proximidade necessária para uma educação efetiva que desenvolva as capacidades dos discentes. Na educação Moderna, o aluno e o professor estabelecem uma relação superficial, sendo o professor a “boca transmissora” e os alunos “os ouvidos” dessa educação autônoma que não se preocupa em conhecer um ao outro. De fato, as informações são passadas tão rapidamente que não há tempo para aprofundamentos, peculiaridades e singularidades, caso o professor siga cegamente a cartilha que o Estado impõe como requisitos para o sucesso nas avaliações padronizadas.

O guia nietzschiano sabe que indiferença e massificação dos alunos como “classe” ou como um conjunto anônimo não favorecem uma educação efetiva que transforme o aluno, uma vez que este é único e não deveria ser uniformizado, “não se vive no mundo se não uma vez, na condição de único (...) e que nenhum acaso, por mais estranho que seja, combinará pela segunda vez uma multiplicidade tão diversa neste todo único que se é.” (NIETZSCHE, 2011, p.161). Segundo Nietzsche, os homens sabem disso, mas negam sua unicidade, por medo do outro, por “temer seu vizinho” (2011, p. 161); assim, começam a agir e a pensar como a maioria; viram rebanho, por indolência de tornar-se si mesmo, por comodismo e preguiça. Vejamos a seguinte descrição do que deveria ser um genuíno mestre que afasta da massificação e uniformidade:

a característica principal de um genuíno mestre, conforme a interpretação nietzschiana, consiste em permitir que o discente chegue a tornar-se “o que ele é”, que possa desenvolver a sua autonomia, as suas tendências mais singulares. Nesse sentido, todos os seus ensinamentos poderiam inspirar-se no aforismo de Píndaro, que constitui na chave, no *leitmotiv* do pensamento educacional nietzschiano: “Chega a ser o que tu és”. Assim, o essencial de toda formação consiste na realização do mais próprio, daquilo que resiste a todo condicionamento externo, a toda imposição de critérios ou de ideias alheias. (BARRENECHEA, 2015)

É necessário desenvolver a capacidade de pensamento crítico e pessoal para ser bem sucedido na tarefa de tornar-se quem se é; isto requer um determinado grau de afastamento da cultura artificial, requer um pouco mais de escuta de si mesmo e de autoconhecimento. Se não quer fazer parte do rebanho, o homem precisa apenas “deixar de ser indulgente para consigo

mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas.’”(NIETZSCHE, 2011, p.162)

Porém se ainda não chegamos a ser quem somos, almejamos chegar lá. Segundo Nietzsche, “Toda alma jovem ouve este apelo dia e noite (...) ela pressente a medida de felicidade que lhe é destinada quando se pensa na verdadeira emancipação” (2011, p.162). Esta libertação só acontecerá quando o indivíduo deixar de temer abandonar as “cadeias da opinião corrente.” (2011, p.162).

Ainda que o futuro não nos deixasse qualquer esperança, a singularidade da nossa existência neste momento preciso é o que nos encorajaria mais fortemente a viver segundo a nossa própria lei e conforme nossa própria medida [...] Esta existência quer que a abordemos com ousadia e também temeridade, até porque, no melhor ou no pior dos casos, sempre a perderemos. Por que se agarrar a este pedaço de terra, a esta profissão, por que dar ouvidos aos propósitos do vizinho? É igualmente provinciano jurar obediência a concepções que, em centenas de outros lugares, já não obrigam mais. Ocidente e o Oriente são linhas imaginárias que alguém traça com giz diante dos nossos olhos, para enganar nossa pusilanimidade. (NIETZSCHE, 2011, p.163 -164).

Nietzsche nos convida a viver nossa própria vida de acordo com nossa vontade; ele nos instiga a sermos ousados, autênticos e livres. Precisamos buscar trilhar nosso próprio caminho, não deveríamos ser impedidos de tentar alcançar esta liberdade por fatores externos que nos são impostos. “Tu não és propriamente nada disso, diz ela para si, ninguém pode construir no seu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém exceto tu.” (NIETZSCHE, 2011, p.164). Nem mesmo os educadores poderão exatamente dizer a cada um de nós o que e como se deve viver a própria vida. O guia deve, no entanto, poder ajudar, tornando-se um modelo a servir de exemplo a ser imitado, porém não como uma mera cópia. Dias (2003) esclarece a proposta nietzscheana; ela indica como uma imitação pode ser ativa, construtiva e criadora, “imitar não o pensamento contido no sistema, mas a atividade criadora que produziu o pensamento.” (p.76). Ela continua esclarecendo:

Nietzsche propõe uma imitação criadora. Não se trata de repetir passivamente o modelo, mas de encontrar o que tornou possível sua criação. É a imitação da “história monumental”, isto é, do que é exemplar e digno de ser imitado, e deve visar “a superar o modelo. Imitar o modelo quer dizer mimetizar sua força criadora e transformadora. O exemplo é um estímulo para ação e para uma nova configuração. (DIAS, 2003, p. 76)

Mas como mimetizar esta potência criadora de forma a reinventá-la segundo nossa própria maneira? Primeiro, precisamos descobrir qual é nossa maneira. Para tanto, Nietzsche

(2011) elabora uma forma simples de conhecer a si mesmo, embora não seja tarefa fácil, “despojar-se de tantas peles”²⁵. Há uma investigação que pode ser feita a partir de suas peculiaridades, “tudo carrega consigo o testemunho daquilo que somos, as nossas amizades e os nossos ódios, o nosso olhar e o estreitar de nossa mão, a nossa memória e o nosso esquecimento os nossos livros e os traços de nossa pena” (p.165)

Mas este é um meio de determinar o interrogatório essencial. Que a jovem alma se volte retrospectivamente para sua vida e faça a seguinte pergunta: “O que verdadeiramente amaste até agora, que coisas te atraíram, pelo que tu te sentiste dominado e ao mesmo tempo totalmente cumulado? Faz passar novamente sob teus olhos a série inteira destes objetos venerados, e talvez eles te revelem, por sua natureza e por sua sucessão, uma lei, a lei fundamental do verdadeiro eu. [...] Pois tua essência verdadeira não está no fundo de ti, mas colocada infinitamente acima de ti, ou pelo menos daquilo que chama comumente como sendo teu eu. Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelarão o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe compacto e rígido: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores.” (NIETZSCHE, 2011, p.165).

Na concepção nietzschiana, o guia será o libertador do aluno uma vez que o ajude a conhecer a si mesmo e assim trilhar seu caminho, que é único como a substância fundamental de cada aluno. “Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar.”²⁶. Desse momento, o genuíno mestre pode levar o aluno a percorrer seu caminho com autenticidade, ser honesto consigo mesmo e, por isso, livre. Nietzsche (2011) fala sobre seu mestre: “Schopenhauer suscitou em mim, esta mágica efusão da energia mais íntima que se comunica com um ser da natureza a outro” (p.175). Nesta concepção do verdadeiro mestre, há três elementos essenciais da personalidade do guia que são compostos “da sua honestidade, da sua serenidade, e da sua constância”(p. 175), revelam-se a Nietzsche para fundamentais qualidade do filósofo educador.

Barrenechea (2015) destaca como seria esse mestre: “O docente superior, como Nietzsche o compreendia, tornar-se-á um libertador dos seus discípulos: eis o corolário de toda sua atividade vital e pedagógica.” A prática do educador que busca levar o estudante a tornar-se quem se é, pode ser considerada uma “difícil arte, uma tarefa complexa que não

²⁵ Nietzsche diz que a tarefa de se conhecer é “obscura e velada; e se a lebre tem sete peles, o homem pode bem se despojar de setenta vezes das sete peles, mas nem assim poderia dizer: “Ah! Por fim, eis o que tu és verdadeiramente, não há mais o invólucro.” (2011, p.164 - 165)

²⁶ (NIETZSCHE, 2011, p.164).

pode reduzir-se a fórmulas pedagógicas”. Sendo assim, a educação de massa que utiliza um padrão curricular fixo e determinado para educar, segundo Nietzsche, seria uma forma de domesticar o rebanho.

A educação moderna é, para Nietzsche, sinônimo de domesticação. O ideal desse tipo de educação é formar o jovem para ser “erudito”, comerciante ou funcionário do Estado, transformá-lo em uma criatura dócil e frágil, indolente e obediente aos valores em curso. Quando concebida como “adestramento seletivo” a educação tem outros objetivos. Adestrar um jovem significa fazê-lo obedecer a certas regras e adquirir novos hábitos, torná-lo senhor de seus instintos e hierarquizá-los, de modo que o instinto de “saber a qualquer preço” não se sobreponha. O produto desse adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptado às condições do meio, a serviço das convenções do Estado e da Igreja, mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas capaz de mandar em si mesmo, sem precisar recorrer a qualquer instância autoritária. (DIAS, 2003, p. 86)

O guia nietzschiano luta para impedir a vitória da domesticação da educação causada pelos três egoísmos²⁷ do sistema capitalista. Os estabelecimentos de ensino modernos são descritos acima como verdadeiras fábricas de indivíduos em série, desumanizados. Com obstinação digna de um educador filósofo, Nietzsche foi um mestre sempre pronto a ouvir o outro; atento, preocupado em suscitar em seus alunos a essência da verdadeira cultura, que entendemos como uma atividade viva, interligada à natureza, à arte e à filosofia clássica.

Dias (2003) nos apresenta relatos pessoais dos alunos de Nietzsche. Nestes depoimentos está expressa a impressão que o filósofo educador causou em alguns estudantes. Através destes constatamos que “seu temperamento, suas maneiras, o charme de sua personalidade afável, fascinava-os. Tinha o poder de entusiasmar os jovens para a disciplina que ensinava” (p.51). Reiteramos que, como guia, o filósofo alemão estimulava a coragem dos seus alunos para desenvolver o senso crítico e uma atividade criadora autêntica. Através desses depoimentos podemos confirmar que Nietzsche realmente fazia na prática tudo o que escreveu sobre a postura de um educador que fosse um verdadeiro guia das jovens almas, como foi para ele o filósofo Schopenhauer. O autor de *O mundo como vontade e representação* foi considerado por Nietzsche um guia capaz de superar os muitos perigos que se apresentam para desvirtuar o ser humano e poderiam desvia-lo de seu pleno desenvolvimento.

²⁷Referidos no segundo capítulo desta monografia, são eles: egoísmo dos comerciantes, do Estado e da ciência.

Acompanharemos a seguir os depoimentos dos alunos de Nietzsche sobreposto à *Consideração intempestiva: Schopenhauer educador*, para traçarmos um panorama entre os ensinamentos do mestre filósofo que Nietzsche adotou como modelo de guia, e a prática educativa adotada pelo aprendiz. Esse discípulo logo se transformou em guia das próximas gerações, por mimetizar e recriar este modelo de educar para chegar a ser o que se é. Iniciaremos trazendo o relato de Louis Kelterborn, “aluno de Nietzsche no Pädagogium, que escreveu em suas *Memórias*:”²⁸

Minhas relações pessoais com Nietzsche duraram 10 anos, de 1869 a 1879. O mesmo olhar de veneração que quando ainda adolescente de 17 anos punha sobre o mestre genial, cuja presença era tão estimulante, eu o poria mais tarde sobre ele, sempre que tinha a felicidade de encontrá-lo no caminho. O que mais causava admiração é que ele nos dava a impressão de ser bem mais velho, não só quando assistíamos suas aulas, mas também quando o observávamos no cotidiano. Dava a impressão de que a diferença de idade entre nós não era de apenas sete anos, mas muito mais, apesar do entusiasmo juvenil e cheio de confiança no futuro que o animava. [...] Na primavera de 1869, quando o jovem filólogo foi nomeado para a cadeira de grego na universidade e no Pädagogium, eu era aluno do final do segundo ciclo nesse estabelecimento. Lembro-me ainda da sensação causada pela sua pessoa e pelo seu ensino, e também da impressão deixada por sua aula inaugural sobre Homero, tão interessante pelas qualidades artísticas e poéticas quanto importante sob o ponto de vista científico. No mês de 1870, o conselheiro Visser, responsável pela instituição pública da Basileia, apresentou à nossa classe o novo professor de língua, literatura e filosofia gregas, ressaltando que, apesar de ser ainda muito jovem, era um professor eminente e um brilhante exemplo, digno de todo respeito. Nós ficamos muito entusiasmados e, durante os meses que se seguiram, nos comportamos da mesma forma que o faríamos em relação a um professor graduado que estivesse ali para nos iniciar no mundo da beleza e do pensamento grego, e sempre que o abordávamos, o fazíamos com o maior respeito. Sua maneira de se dirigir aos alunos nos era absolutamente nova e despertava em nós o sentimento de nossa própria personalidade. Soube, desde o início, estimular-nos para que tivéssemos um maior interesse pelo estudo, talvez mais ainda de maneira indireta, pelo seu saber e pelo seu exemplo, do que de maneira direta, ao nos declarar, por exemplo, que todo homem deveria pelo menos uma vez na vida se dar ao trabalho de consagrar ao estudo um ano inteiro, fazendo da noite o dia, e que esse ano tinha chegado para nós”. (KELTERBORN apud DIAS, 2003, p. 51 e 52)

Nietzsche (2011) escreve, na *Terceira Consideração intempestiva: Schopenhauer educador*, que valoriza tanto um filósofo quanto mais ele está em condições de servir de exemplo, que deve ser dado “pela própria vida real, e não unicamente pelos livros” (p.176). O professor não deve ser um *filisteu* da cultura, abordando questões pedagógicas mecanicamente, de forma distante e burocrática. Ele deve, porém, dar o exemplo “como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do resto, pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mais ainda do que pelas palavras, e, sobretudo mais do que pela

²⁸ DIAS, 2003, p. 51.

escrita” (p. 176). Em seu relato, Kelterborn claramente afirma que o professor Nietzsche conseguia estimular seus alunos, graças ao seu saber e ao seu exemplo; em outro trecho, ele continua lembrando mais detalhes importantes da didática nietzschiana:

Ele não nos considerava em bloco, como uma classe ou um rebanho, mas como jovens individualidades. [...] Sua maneira de se exprimir, ponderada, solene, tão cuidada e no entanto tão natural, do mesmo modo que todas as suas atitudes e seu comportamento, sua maneira de abordar alguém, de cumprimentá-lo, era realmente harmoniosa, de uma grande unidade de estilo, se isto se pode dizer. [...]. Durante a conversa o professor Nietzsche procurava ouvir mais do que falar; através de perguntas estimulava seu interlocutor a exprimir livremente suas opiniões, mesmo quando se tratava de um de seus alunos. (KELTERBORN apud DIAS, 2003, p. 52 e 53)

Nietzsche demonstrava consideração e respeito por cada um de seus alunos, mantinha com eles uma relação de admiração e respeito mútuo, criando assim um ambiente convidativo à liberdade de expressão. O professor Nietzsche seguia o exemplo de seu mestre Schopenhauer que “fala para si mesmo: ou caso queira realmente supor para ele um ouvinte, que se pense num filho instruído por seu pai”. Nietzsche percebe a importância da capacidade de ouvir o outro e, ao mesmo tempo, poder confiar que sua opinião não seria menosprezada, como muitas vezes acontecia nas instituições de ensino modernas. Nesta singular perspectiva pedagógica, é essencial ser capaz de cultivar este bem-estar ao se expressar e poder sentir em nós mesmos esta chamada euforia de uma fala natural.

A vigorosa euforia de quem fala nos envolve no primeiro acento de sua voz; experimentamos então o mesmo sentimento de quando penetramos no bosque, respiramos profundamente e de repente nos sentimos bem de novo. Sentimos isso, há aí um ar sempre igual e fortificante, aqui reinando uma certa desenvoltura, um certo natural inimitáveis, como só os possuem os homens que se encontram no íntimo de si mesmos (NIETZSCHE, 2011, p.172)

É importante reparar nas imagens vinculadas à Natureza que Nietzsche (2011) traz em seus escritos sobre a educação. A *physis*²⁹, o contato com a natureza, é essencial para a educação oferecida pelo guia: “Ele nos ensina a distinguir entre os modos reais e aparentes de fomentar a felicidade humana” (p. 184). Os modos reais de fomentar a felicidade somente poderiam resultar a partir da natureza. Esta felicidade não consiste em bens materiais, títulos e nem mesmo no acúmulo de conhecimentos, nada disso poderia “arrancar o indivíduo da lassidão que ele experimenta diante da ausência de valor de sua existência” (p. 184). Adquirir saberes, títulos e riqueza só seria para nós coerente se tivesse o objetivo de ir ao encontro da

²⁹Em nota, Sobrinho (2011) explica que em grego transliterado no texto, *physis*, significando em geral “natureza”, podendo também ser entendido como processo genético [*genesis*], ou substância física de que as coisas eram feitas [*arche*], ou princípio organizador das coisas (p.189).

natureza, a fim de elevar e transfigurar este cansaço com o qual se vive na superficialidade da incultura moderna. “Conquistar o poder para, graças a ele, vir em auxílio da *physis* e corrigir, graças a ela, ainda que minimamente, suas loucuras e suas inépcias. No início, no primeiro instante, certamente somente para si, no fim, para todos.” (p.184).

Outro aluno, chamado Traugolt Siegfried, conta suas experiências durante seu convívio com Nietzsche:

Cada um de nós tinha como ponto de honra estar à altura das exigências de Nietzsche, e aquele que, por preguiça ou por ignorância, o decepcionava recebia a censura de seus colegas. Sua gentileza e sua atenção encorajavam os alunos a trabalhar e os incitavam a se exprimir livremente. (SIEGFRIED apud DIAS, 2003, p. 54)

Em sua narração, Siegfried relembra que um pastor também tinha sido aluno de Nietzsche: “Um velho *pastor emeritus*, que foi aluno de Nietzsche pouco depois de nós contou-me recentemente que tinha sido outrora um jovem tímido e inseguro” (SIEGFREID apud DIAS, 2003, p. 54), até que:

Um dia Nietzsche, depois de fazer um relato emocionante sobre o processo de Sócrates e de sua defesa diante dos juízes, pediu a seus alunos para virem recitar junto a sua mesa o discurso de Sócrates. Encorajado pelo seu professor, o jovem pastor, ainda que com o coração batendo, decidiu tentar a experiência. Conseguiu contentar completamente o seu professor, que, amigavelmente, lhe sorriu. Nesse dia, disse-me o jovem pastor ‘eu me encontrei; minha timidez desapareceu e agradecia ao meu venerado professor Nietzsche que soube dar apoio ao jovem inseguro que eu era e despertar os meus dons. (SIEGFREID apud DIAS, 2003, p. 54)

Despertar os dons dos aprendizes é uma arte a ser dominada pelo guia, algo que vai além de uma educação voltada para conquistar um posto de trabalho, é um acordar para o gênio que hiberna em seu interior. Segundo Nietzsche (2011), “Todo homem encontra normalmente em si um limite dos seus dons, assim como do seu querer moral, e esse limite o enche de nostalgia e melancolia.” (p.184). Por mais que desejemos alcançar o ápice do sucesso em todos os âmbitos de nossas vidas, somos frustrados pela realidade. “Aí reside a raiz de toda verdadeira cultura, e se entendo por esta palavra a nostalgia do homem de querer renascer como santo e como gênio³⁰.” (p. 184). Esse genuíno criador tropeça nos obstáculos encontrados na sociedade moderna. Para concluir os relatos dos alunos de Nietzsche, apresentamos um depoimento anônimo.

³⁰Segundo DIAS (2003), para Nietzsche, o gênio é a grande natureza contemplativa armada para criação eterna. A extensão da alma, a força da imaginação, a atividade do espírito, a abundância e a irregularidade das emoções – tudo isso compõe o caráter do gênio. É sensível a todas as formas de expressão da natureza. A floresta e o rochedo, a tempestade e o sol, a flor solitária e o murmúrio das águas vêm ao seu encontro e falam sua língua. (p. 81).

Era um homem de poucas palavras, mas sua alegria era visível quando um aluno medíocre conseguia um bom resultado. Cada um de nós ficava contente ao receber dele por um trabalho oral a expressão: muito bem. Sua cordialidade, sua atenção incitavam ao trabalho. Preparava os alunos para que soubessem falar espontaneamente, sem recorrer às anotações. Demonstrava a todos a mesma delicadeza. Não deixava transparecer nenhum desprezo pela massa de alunos indiferente, nem pelos mais fracos ou menos dotados”. (p. 55) “Se Nietzsche era parcimonioso nos elogios, usa mais raramente ainda de reprimenda. [...] Nunca o víamos irritado, nunca elevava o tom da voz, nem se alterava [...]”. (DIAS, 2003, p. 55).

Os relatos são claros ao expressar que Nietzsche, assim como seu mestre Schopenhauer, ensinavam com o exemplo de vida, de forma honesta, constante. O professor Nietzsche “estimulava os alunos na busca de seus próprios interesses, ouvia com atenção suas opiniões pessoais, preparava escrupulosamente seus cursos, corrigia minuciosamente seus trabalhos e mantinha-os, com raro dom, motivados para a matéria que lhes ensinava.” (DIAS, 2003, p. 57).

Considerações Finais

No decorrer destes três capítulos percorremos o amadurecimento de Nietzsche como filósofo educador. Principalmente por cultivar seis qualidades que são destacadas por Barrenechea, em seu texto *Schopenhauer como educador: um modelo de mestre*, como aspectos fundamentais para “concretização daquilo que é mais próprio de cada discente, isso é, para tornar-se o que ele é”. Esse singular docente deve:

- 1) Ser autônomo e independente das instituições;
- 2) Educar-se contra si mesmo e contra o tempo presente;
- 3) Ser intempestivo: agir e pensar para além de sua época;
- 4) Ser honesto, simples e autêntico;
- 5) Possuir uma conduta concreta, ensinar com exemplo;
- 6) Tornar-se um libertador do docente.

Nietzsche inegavelmente possuiu uma dimensão libertária pedagógica, para tanto suscitou a figura do guia e foi um mestre e ao mesmo tempo um filósofo da educação. “O pensamento de Nietzsche pode ser usado hoje para se pensar a educação? Será que seu exemplo ainda pode servir para nos educar e, conseqüentemente, educar a quem educamos?” (DIAS, 2003, p. 114). Não podemos duvidar que sim, se observarmos que por acaso ainda

estamos sendo dominados pelos egoísmos do Estado, que massificaram as instituições de ensino. Vemos que muitas vezes os mestres continuam.

dedicados a inúmeros afazeres, a essas obrigações formais e burocráticas, geralmente perdemos de vista os sujeitos, os seres humanos; esquecemo-nos dos sentimentos, dos rostos, dos gestos, das dores e das alegrias desses estudantes que ‘formamos’ e produzimos aulas que negam a dor e a delícia da vida, como ela é. (BARRENECHEA 2015)

Como filósofo educador, o professor Nietzsche criticou as falhas da educação moderna e estabeleceu uma prática pedagógica a partir do fomento das necessidades vitais “adotou a vida como critério fundamental para todos os valores da educação e com isso, destruiu as convicções que sustentavam o sistema educacional de sua época.” (DIAS, 2003, p.114)

Sua didática é coerente com a sua personalidade, o guia nietzschiano é autêntico, ele é quem é, e a cada instante sua formação pessoal, se mostra constante e gradual. O que Nietzsche despreza, como a educação antinatural oferecida pelo Estado, e o que ele enxerga como “cura”, o retorno a verdadeira cultura e a uma vida autêntica cujo maior valor reside em si própria. Essas perspectivas traçam o caminho que o pensador alemão trilhou como filósofo educador. Este também é uma necessidade: é preciso que nós, docentes em formação, tenhamos consciência que existe a possibilidade de sermos educadores que apontem verdadeiros caminhos que levem à liberdade, a chegar a ser quem se é, a fim de ensinar o discente a educar a si próprio e então um dia, se assim for favorável ao destino, nos tornarmos verdadeiros filósofos educadores.

Referências

ASCH, Solomon. Opinião e pressão social. 1995. Artigo extraído de *Scientific American*, 193, 31-35.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação pedagógica fundamental. In: Guaracira Gouveia, Cristiane Bittencourt, Giovana Marafon e Helena Rego Monteiro (Orgs.). *Pesquisas em Educação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Schopenhauer como educador: um modelo de mestre. In: *Poiesis Pedagógica*, Catalão- Go, v.13, n.2, p. 06-14, jul/dez. 2015

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche, educador. São Paulo: Scipione, 2003. – (Pensamento e ação no magistério)

HOLLINGDALE R.J. Nietzsche: uma biografia [tradução de Maria Luiza de Abreu Lima Paz]. São Paulo: EDIPRO, 2015

BRITTO, Fabiano de Lemos. Soldados e Centauros: Educação, Filosofia e Messianismo no jovem Nietzsche, 1858-1869. 1 ed – Rio de Janeiro. Mauade X, FAPERJ, 2015

NIETZSCHE, F. *Werke: Kritische Gesamtausgabe* (KGW). Review by: Thomas H. Brobjer in *Journal of Nietzsche Studies* No. 21 (SPRING 2001), pp. 96-101

NIETZSCHE, F. *Aus Meinen Leben*. In: HOLLINGDALE R.J. Nietzsche: uma biografia [tradução de Maria Luiza de Abreu Lima Paz]. São Paulo: EDIPRO, 2015

NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação; tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro : PUC-Rio; São Paulo : Ed. Loyola, 2011.

NIETZSCHE, F. *Ecce homo: de como a gente se torna o que é/* tradução, organização e notas de Marcelo Backes – Porto Alegre: L&PM, 2014

NIETZSCHE, F. Cinco prefácios para cinco livros não escritos. Trad. Pedro Süsskind. São Paulo: Sette Letras, 1996.

SILVA, Marinete Araújo da. Nietzsche e educação: da crítica à educação moderna a uma educação para a criação. In: Pesquisas em Educação. Org. Gouveia, G.et 04 (Org) RS: Letras, 2007.

Sites Visitados

http://www2.escolainterativa.com.br/canais/19_imprensa_pedagogica/IP/IP_39.pdf

http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/__pr/DZBrasilia__Artigos/Antigos/Educacao/030810__abitur.html?archive=3214656

<http://www.landesschule-pforta.de/en/index.php>

https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/762992/mod_resource/content/1/Opinioes%20e%20pressao%20social%20-%20solomon%20asch.pdf

<https://translate.google.com/?hl=pt-BR#de/pt/BILDUNG%20Wendung>

<http://plato.stanford.edu/entries/wilhelm-humboldt/#RetuGermPublEducPoli>
